

# CADERNO DE LITERATURA

Porto Alegre - Agosto 2001 - Ano V - nº 9

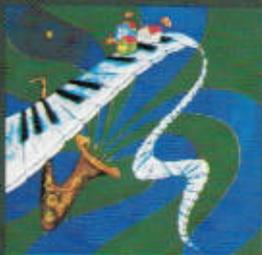


**AJURIS**  
Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul



**MARILIA FAYH**

Pinturas da série *Pianos e alegrias*, em acrílico sobre tela. A artista formou-se em Comunicação Social na PUC-RS em 1979. Realizou diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior. Entre os prêmios que recebeu, destaca-se a Medalha de Ouro pela escultura de bronze *A décima lua cheia*, outorgada pelo Comitê D'Honneur du Mérite et Dévouement Français, em Paris, França, no ano 2000. Uma das principais artistas plásticas do Rio Grande do Sul na atualidade.



**CADERNO DE LITERATURA**

**Presidente da AJURIS**

Luiz Felipe Silveira Difini

**Vice-Presidente Cultural**

Vera Lúcia Deboni

**Diretor do Departamento de Cultura**

Jorge Adelar Finatto

**Conselho Editorial**

Antonio Guilherme Tanger Jardim

Carlos Saldanha Legendre

Jorge Adelar Finatto

José Carlos Laitano

Paulo Porcella

**Projeto Gráfico / Diagramação**

Karin Kazmierczak

**Fotolito e Impressão**

Gerie-Rio Gráfica

**Jornalista Responsável**

Claudia Chiquitelli – Reg. Prof. 7572

**Revisão**

Niamara Pessoa Ribeiro

Irene Katter Hack Tavares

**AJURIS**

Rua Celeste Gobbato, 229 – 5º andar

Porto Alegre – RS – CEP 90110-160

Fone: 0 (xx) 51 3284.9000 – Fax: 3224.6844

E.mail: ajuris@ajuris.org.br

Tiragem: 25.000 exemplares

Distribuição gratuita

Apoio: Banco do Brasil

O *Caderno de Literatura* não é vendido, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuído aos magistrados brasileiros e portugueses, a escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos estados e países de língua portuguesa. A memória cultural é nosso assunto.

**sumário**

**Caderno de Literatura**

Luiz Felipe Silveira Difini ..... 3  
**Correio** ..... 4  
*Banco do Brasil e Poder Judiciário* ..... 5  
*Maestro Antonio Brasileiro entre o Gualba e Ipanema*  
 Jorge Adelar Finatto ..... 6

**Artigos**

*Um certo senhor Jobim*

Helena Jobim ..... 8

**Depoimentos**

Daniilo Caymmi e Tito Madi ..... 13

*Se todos fossem iguais a ele*

José Carlos Laitano ..... 16

*Para encantar o Sul*

Claudia Chiquitelli ..... 17

*O Borges que eu conheci*

Álvaro Alves de Faria ..... 18

*Os donos da língua*

Walter Galvani ..... 20

*Uma carta de Mario Quintana*

Antonio Dall'Agnol ..... 23

**Narrativas**

*Travessia*

Patrícia Bins ..... 26

*Cantiga D'El Rei*

Alberto Crusius ..... 28

**Galerias**

Carlos Alberto Petrucci ..... 25

Eduardo Guimarães ..... 29

Nathaniel Guimarães ..... 32

**Ensaio fotográfico**

Fernando Zago ..... 30

**Poemas**

*Velhos sapatos*

Italico Marcon ..... 33

*Sombra / A noite cairá depois / Conselho / Era a morte que vinha / Vieram da noite*

Paulo Corrêa Lopes ..... 34

*Tempo – ira – tura / Versomenagem a Carlos Legendre*

Heitor Saldanha ..... 35

*Sonetos portugueses*

Carlos Saldanha Legendre ..... 36

*Musa consolatrix*

Dilan Camargo ..... 37

*Quando minha mãe se foi embora*

Maria Cecília Fernandes Álvares Leite ..... 38

*Viagem*

Tupinambá Miguel Castro do Nascimento ..... 38

*Te ensinando a amar Porto Alegre*

Jane Fischmann ..... 39

*Piaco*

Ilton Carlos Dellandréa ..... 40

*Pinheiro quatricentenário*

Celeste Vicente Rovani ..... 42

*Os meus filhos*

Jorge Jobim ..... contracapa

# Caderno de **Literatura**

VEM a lume mais uma edição do *Caderno de Literatura* da AJURIS. É demonstração de que as preocupações dos juizes do Rio Grande do Sul e de sua Associação não se cingem ao labor profissional quotidiano, nem às inquietações de ordem institucional sempre presentes, nem ao mais ameno convívio da vida associativa; também a dimensão cultural tem estado entre nós, com o merecido destaque.

Chegando ao nº 9, nossa revista também alcança, por assim dizer, sua maioridade, consolidando-se como reconhecido veículo de difusão cultural não só na magistratura brasileira, mas atingindo agora centros de produção cultural e colegas dos demais países de língua portuguesa, inclusive o Timor Leste.

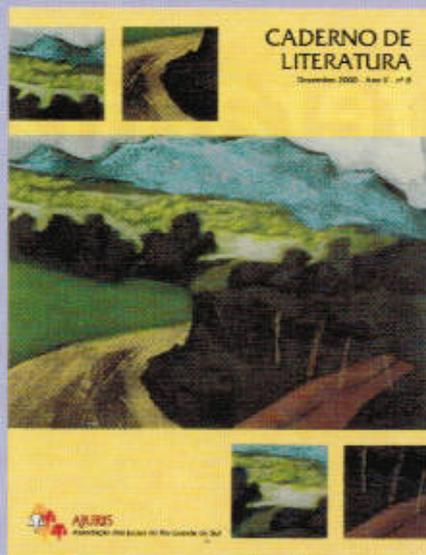
E, por feliz escolha, o tema desta edição é a obra de Tom Jobim, músico popular maior, que dispensa quaisquer apresentações, pois o faz sua obra, reconhecida não só no Brasil, mas verdadeiramente universal.

É com orgulho que a AJURIS apresenta, então, seu *Caderno de Literatura*, e, pessoalmente, expresso meu reconhecimento ao trabalho e ao talento do colega Jorge Adelar Finatto, nosso Diretor Cultural, sem os quais esta trajetória não teria sido possível, bem como ao apoio institucional, também sempre presente, do Banco do Brasil, que viabilizou materialmente esta iniciativa generosa.

**Luiz Felipe Silveira Difini**  
Presidente da AJURIS



*Tom Brasileiro*  
Cyberpintura sobre papel - Liana Timm - 2001



Encantador, nobre, refinado: são qualificativos que me ocorrem tendo presente o *Caderno de Literatura*. Especial de primeira – digo, me valendo dessa gostosa expressão gaúcha.

**João Cesar Guaspari Papaleo**  
Juiz de Direito – Jataí - Goiás

Ao agradecer o envio dos exemplares da revista *Caderno de Literatura* da AJURIS, informo que as publicações em apreço foram encaminhadas para países de língua portuguesa como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Timor e São Tomé e Príncipe.

Informo, ademais, que solicitamos às Embaixadas indicação de instituições para envio de futuras publicações.

Atenciosamente,

**Embaixadora Maria Celina de A. Rodrigues**  
Diretora-Geral do Departamento Cultural  
Ministério das Relações Exteriores

Tenho sido distinguido com a recepção da bela revista *Caderno de Literatura* dessa entidade, o que agradeço. Em especial, quero destacar a edição de dezembro último, cuja qualidade superou todas as demais, pela seleção de matérias, pelo papel, pela ilustração, pelos poemas, pela escolha dos colaboradores, etc. Espero poder continuar a merecer tal atenção e desfrutar desta revista que venho colecionando.

**Vereador Antonio Hohlfeldt**  
Porto Alegre - RS

Sou uma humilde alfabetizadora de jovens e adultos, da cidade de Euclides da Cunha, localizada no sertão baiano. Tive o privilégio de participar do I Fórum Social Mundial onde fui ofertada com um *Caderno de Literatura* da AJURIS.

Sendo a localidade onde moro pobre em livros, jornais, revistas e qualquer outra fonte de informação cultural, venho mui respeitosamente solicitar-lhe, se possível, que nos sejam enviados alguns artigos para que possamos trabalhar com nossos alunos. Tendo consciência de sua preocupação com a história e cultura de nosso país, espero dentro do possível contar com vossa ajuda.

**Iolanda Santos Barreto**  
Euclides da Cunha - Bahia

*Cara Iolanda: as revistas serão enviadas regularmente.*

Sou leitor cativo do *Caderno de Literatura*. A leitura consegue trazer para o calor do Nordeste o vento gelado dos Pampas. Vale a pena investir no interior de cada um de nós. Deixar a alma pelo avesso, incentivar a criação, dar ênfase ao humano. O juiz, na realidade, não deve encastelar-se na turrís-ebúrnea da sua sabedoria e deixar a vida passar. Muito pelo contrário, carece de vivenciar a refrega do cotidiano.

**José Ronald Cavalcante Soares**  
Vice-Presidente do TRT da 7ª Região

É sobremaneira gratificante saber que, aí no Rio Grande, inclito grupo se preocupa – e se ocupa – com as hoje meio esquecidas coisas da literatura. Parabéns!

Os quadros de Armando Gonzales são belíssimos; estão a pedir que alguém lhes escreva uma milonga... Muito bom, também, o ensaio de Walter Galvani em defesa de Timor, de nossa língua... E que dizer das meninas e das frutas das Alices, ambas nascidas em 1917 – ano em que nasceu meu pai... Em suma, a revista é uma beleza.

**Virgílio Maia**  
Poeta e Advogado – Fortaleza - Ceará

O *Caderno de Literatura* é uma publicação inédita no Brasil, revelando uma Magistratura que pensa, tem sentimentos e consciência estética. Os textos, os poemas, as pinturas, a estrutura gráfica são inimitáveis, pelo detalhado critério de harmonia entre o conteúdo e a forma.

**Cármine Antônio Savino Filho**  
Desembargador – RJ

Com prazer venho recebendo o *Caderno de Literatura*, em boa hora editado pela Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul.

Mas a minha palavra não é apenas de agradecimento, senão também de felicitações. A publicação conjuga qualidade literária e zelo na apresentação gráfica. Com a melhor expressão de apreço,

**Marcos Almir Madeira**  
Academia Brasileira de Letras - RJ

Bravo! Admirável o número 8 do *Caderno de Literatura*. Feliz milênio! E muito grata.

**Stella Leonardos**  
União Brasileira de Escritores – RJ

Tomei conhecimento do *Caderno de Literatura* no Fórum Social Mundial. Simplesmente maravilhoso, meus sinceros parabéns!

**Marcito Luz**  
Porto Alegre - RS

Valho-me do presente para acusar e agradecer a gentileza da remessa do *Caderno de Literatura* da AJURIS, bem como para parabenizar sua equipe pela qualidade do material e do conteúdo que, sem dúvida, contribui para nosso aprimoramento intelectual. Faço votos para que prossiga nessa feliz iniciativa.

**Carlos Hipólito Escher**  
Juiz de Direito da 1ª Vara Cível - Goiânia

Obras de um peculiar bom gosto, linhas que revelam aguçado senso crítico e muita sensibilidade, expressam o talento de juizes, desembargadores, servidores públicos, advogados, entre outros.

**Pedro Barcelos dos Santos**  
Juiz de Direito - Bambuí - MG

Recebi de presente o *Caderno de Literatura* nº 8, e fiquei verdadeiramente impressionado com a qualidade do mesmo, não somente no que tange à apresentação, mas principalmente por seu conteúdo.

**Sadi Pierozan**  
Assistente Administrativo do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região

# Banco do Brasil e Poder Judiciário

A rede de atendimento - mais de 7 mil pontos - e o amplo parque tecnológico com mais de 32 mil Terminais de Auto-Atendimento (TAA), somados à sua tradição e solidez, fazem do Banco do Brasil agente tecnicamente credenciado na prestação de serviços especializados para seus diversos grupos de clientes.

Dentro dessa premissa, o Banco quer se firmar não apenas como banco oficial, mas como o melhor agente financeiro do Brasil na prestação de serviços ao Poder Judiciário, com atendimento de elevada qualidade.

O Banco possui vasta experiência na prestação de serviços ao Judiciário, sendo agente captador dos depósitos da esfera estadual em diversas Unidades da Federação, como no Amazonas, em Minas Gerais, na Paraíba e no Rio de Janeiro.

O BB, sensível às necessidades do judiciário brasileiro, em função de cortes orçamentários e das exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal, é um parceiro dos Tribunais na busca da melhoria na qualidade da prestação jurisdicional, disponibilizando produtos e serviços alinhados às novas tecnologias e às suas exigências, colocando-se à disposição para analisar e desenvolver outros serviços de utilidade.

Essa preocupação motivou a Empresa a apoiar ações em diversos Tribunais de Justiça, traduzidas na modernização de processos, agilidade e comodidade no atendimento aos usuários dos serviços forenses.

## Dentre o portfólio de produtos e serviços do BB destacamos:

### Depósitos judiciais:

- Consulta dos saldos atualizados dos depósitos judiciais pelo magistrado, sob sua jurisdição, via Internet.
- Remuneração: TR + 0,5% am.
- Pagamento pró-rata.
- Maior agilidade no atendimento e controle informatizado.
- Atendimento especializado ao Judiciário e seus membros.
- Tecnologias de última geração na prestação de serviços bancários.

**Precatórios:** liquidação eletrônica de precatórios em obediência ao artigo 10 da Lei de Responsabilidade Fiscal.

**Arrecadação de custas judiciais:** arrecadação de custas e emolumentos judiciais, com código de barras padrão Febraban.

**Interligação do Tribunal com o Banco:** para troca de arquivos em meio magnético, eliminando o trânsito de papéis, propiciando a racionalização de estrutura, agilidade e segurança na efetivação dos depósitos judiciais e o controle gerencial mediante arquivo retorno contendo os depósitos/alvarás efetuados no dia.

## O papel dos depósitos judiciais no BB

O Banco do Brasil desempenha importante papel no desenvolvimento do País, assumindo diversas atribuições de banco oficial. Contudo, este papel deve ser cumprido sem prejuízo à busca da rentabilidade dos negócios e lucratividade - com base na atuação de banco comercial - pois isso é condição necessária para a garantia do pleno exercício das suas próprias funções de banco público.

Cabe destacar que a expressiva maioria dos recursos alocados nessas operações ativas é oriunda de captações feitas junto à sociedade, na forma de depósitos à vista, depósitos a prazo e depósitos judiciais.

Desse modo, os depósitos judiciais exercem importante papel social, porquanto são revertidos em benefício dos diversos agentes da economia no processo de tomada de crédito, o que garante mais investimentos produtivos e, por conseqüência, aumento da renda nacional, melhoria dos níveis de emprego e redução das desigualdades sociais.

**Derci Alcântara**

*Superintendente Estadual do Banco do Brasil*

# Maestro Antonio Brasileiro

## entre o Guaíba e Ipanema

Jorge Adelar Finatto\*

Foto: Luiz Avila  
Canela - RS - 12.04.86  
gentilmente cedida por Zero Hora



*O coração do homem que nunca mais voltará resiste em silêncio. O navegante perde de vista o contorno da cidade e mergulha na Lagoa dos Patos. O grande mar de água doce remete Porto Alegre ao Atlântico. A figura melancólica recorta-se na memória da tarde nevoenta. O tempo voa longe. No dia do futuro, alguém abre a gaveta. A claridade ilumina antigos papéis do homem que partiu. Eis ali o poeta e sua palavra.*

*Mais tarde, menino ainda, o filho do poeta teve que reinventar o pai. Acariciou suas mãos ausentes ao piano, nas velhas manhãs da casa de Ipanema. A nostalgia do Sul, a saudade da família, dos amigos, do Guaíba, o amor que se perdeu: o piano cantou a canção paterna. Era preciso calar o esquecimento.*

**ANTONIO** Carlos Brasileiro de Almeida Jobim nasceu em 25 de janeiro de 1927 no Rio de Janeiro. Morreu em 8 de dezembro de 1994 nos Estados Unidos. Filho de Nilza Brasileiro de Almeida Jobim, carioca, professora, e de Jorge de Oliveira Jobim, um gaúcho de São Gabriel, poeta que teve passagem pela carreira diplomática.

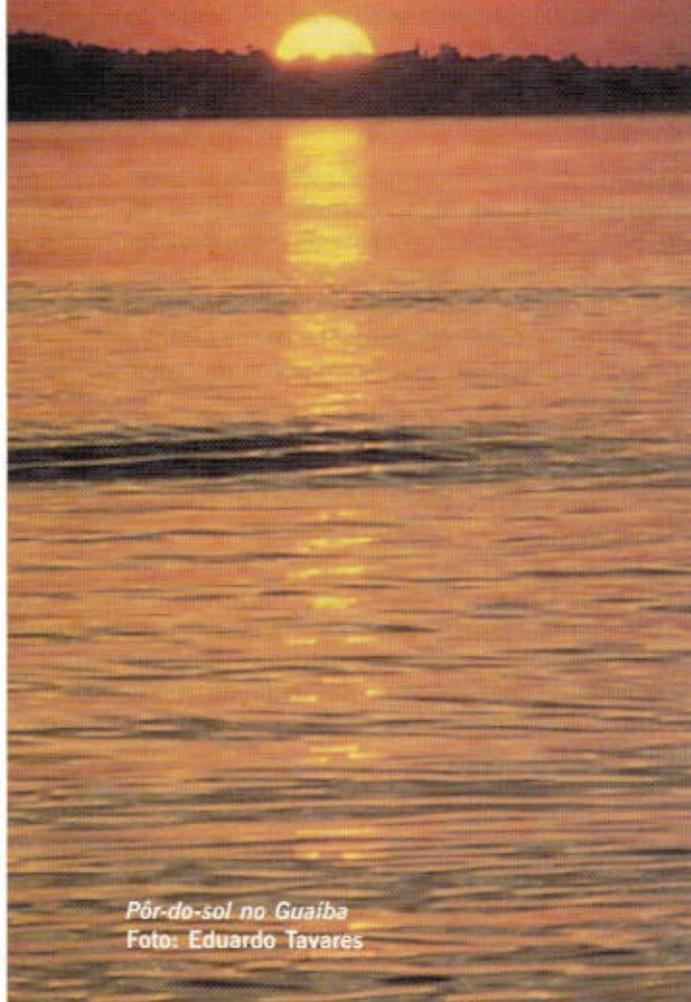
O menino Tom viajou com os pais a Porto Alegre para conhecer a família gaúcha tão logo nasceu. Por pouco não ficaram morando nas margens do Guaíba. Esse era o desejo de Jorge Jobim. Porém, falou mais alto o afeto de Nilza por sua família. No meio materno foi criado o garoto Tom-Tom, apelido dado pela irmã Helena Jobim. A grande perda: Jorge morre aos 47 anos incompletos, quando Antonio contava apenas oito anos de idade.

De um lado, a ternura e o talento musical da família Brasileiro de Almeida. De outro, o refinado dom poético e a sensibilidade do pai. Em torno, a presença das montanhas e do mar, os longos passeios pela mata e pela praia. A paisagem e a atmosfera do Rio de Janeiro de então, ainda sem a violência de hoje, ajudaram. Nesse ambiente, cresceu e formou-se o artista.

**A música de Tom Jobim  
é patrimônio espiritual da humanidade**

Em sua trajetória, estudou a música erudita e a canção popular. Entre os professores, aparece Hans-Joachim Koellreutter, alemão naturalizado brasileiro, que lhe ensinou a transposição das fronteiras que separam o erudito do popular. Alguns mestres: Debussy, Bach, Stravinsky, Villa-Lobos.

*Pôr-do-sol no Guaíba*  
Foto: Eduardo Tavares



*"Tudo é testemunho."*  
Antonio Carlos Jobim

Amoroso das palavras, foi um leitor de respeito. Cultivou João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Erico Veríssimo. Nas letras e textos que escreveu, percebe-se o Tom poeta exigente.

A obra musical de Tom Jobim se constrói na esfera da genialidade. Nada menos. As composições que nos legou transcendem as ensolaradas cercanias de Ipanema: são patrimônio espiritual da humanidade.

É impossível falar da melhor música produzida no planeta, em todos os tempos, sem incluir os sons de Antonio Carlos Jobim, um dos criadores da Bossa Nova. *Águas de março*, *Garota de Ipanema*, *Lígia*, *Dindi*, *Chovendo na roseira* e *Samba do avião* estão entre as canções inesquecíveis que integram a produção do compositor.

#### Ouviremos talvez o canto do sabiá em setembro

Ocorre que muitos não encontram o tempo de habitar o sublime. Porque viver significa, antes de tudo, sobreviver. A primeira ordem do dia é ir à caça.

Amanhã, se tudo der certo, encontraremos o amor. Se a abóbada não ceder sobre nossas cabeças, se a Mata Atlântica - que o Maestro tanto amou - não virar jardim calcinado, teremos quem sabe tempo para olhar a paisagem. Ouviremos talvez o canto do sabiá em setembro.

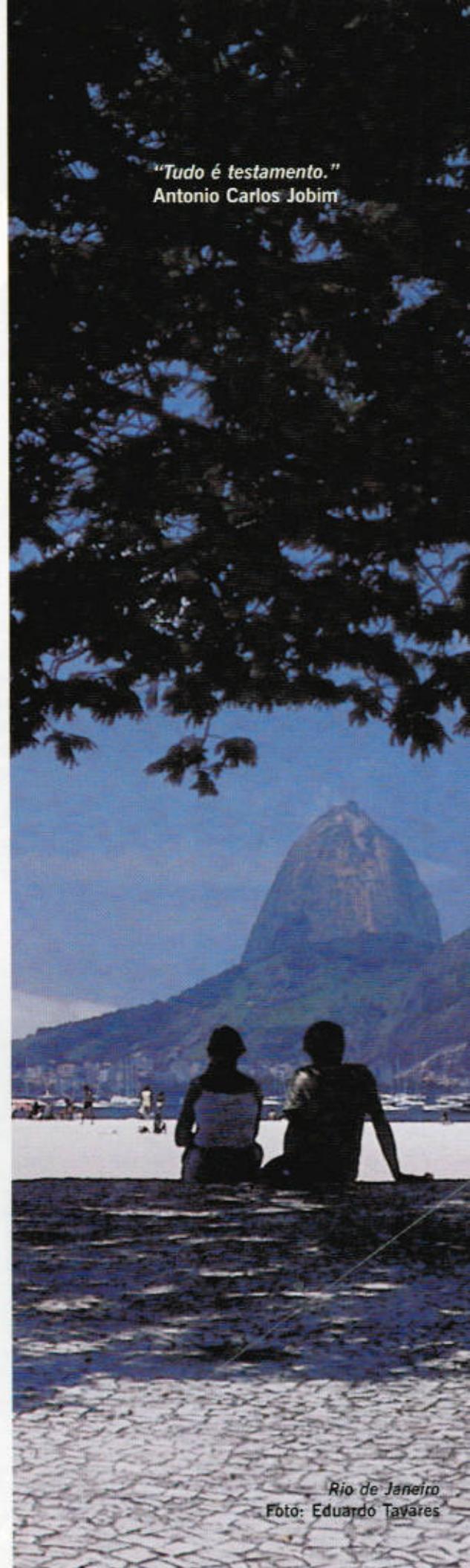
A primavera, sabidamente, não nos pertence.

Mas, enquanto o mundo novo não vem, resta-nos o abrigo da arte. A música de Antonio Brasileiro nos transporta a esse lugar do futuro. Antecipa-nos esse tempo delicado onde ansiamos viver. Nele, as pessoas viverão como gente e não se derrubarão árvores.

Esses e outros informes fazem a presente edição do **Caderno de Literatura**, que homenageia o grande Maestro. O depoimento da escritora Helena Jobim é revelador e a ela devemos a lembrança terna e cálida do irmão Tom. Guardiã do acervo literário do pai, nos oferece uma visão da poesia de Jorge Jobim. Esses textos são um presente da romancista aos nossos leitores. E muito nos orgulham.

Mais: no trato pessoal mostrou-se pessoa amiga e generosa. O coração cristalino. Pra você, Helena Jobim, estas palavras de todos nós, habitantes da beira do Guaíba e do Continente de São Pedro: carinho e gratidão.

\* Diretor do Departamento de Cultura  
e do Caderno de Literatura  
e.mail: jfinatto@terra.com.br



Rio de Janeiro  
Foto: Eduardo Tavares

# Um certo senhor Jobim



Foto: Alberto Coelino

Helena Jobim\*

**Tom lembrou o tempo em que subia os morros do Rio de Janeiro e entrava na floresta para ouvir os inhambus**

**LEMBRO-ME** como se fosse hoje. Estávamos nós dois, Tom e eu, em frente ao mar da praia de Ipanema. Era uma tarde quente de janeiro e o pôr-do-sol que admirávamos ficou para sempre gravado em nossos corações. Era uma tarde especialmente bela. E atentos a sua beleza penetrávamos juntos em outra dimensão. Muitas vezes depois falaríamos deste momento inesquecível, quase mágico. O sol mergulhava lentamente no azul cambiante das águas e o céu se ruborizava num último fulgor. Os biguás voavam em bando buscando seus ninhos nas ilhas pousadas no horizonte. Éramos tão jovens e tão cheios de esperança.

No final da praia podíamos ver, na ponta do Arpoador, alguns pescadores tentando arpoar os peixes que se aproximavam do rochedo que servia de trampolim para nossos mergulhos. Tom me apontou, do outro lado, o Morro dos Dois Irmãos, rochas quentes e livres contra o céu. Mais longe, a Pedra da Gávea, com o perfil forte da Cabeça do Imperador, onde começavam os contrafortes do Maciço da Tijuca.

Ele me disse:

- O mar... a floresta... - e essas palavras me pareceram novas, ditas por meu irmão.

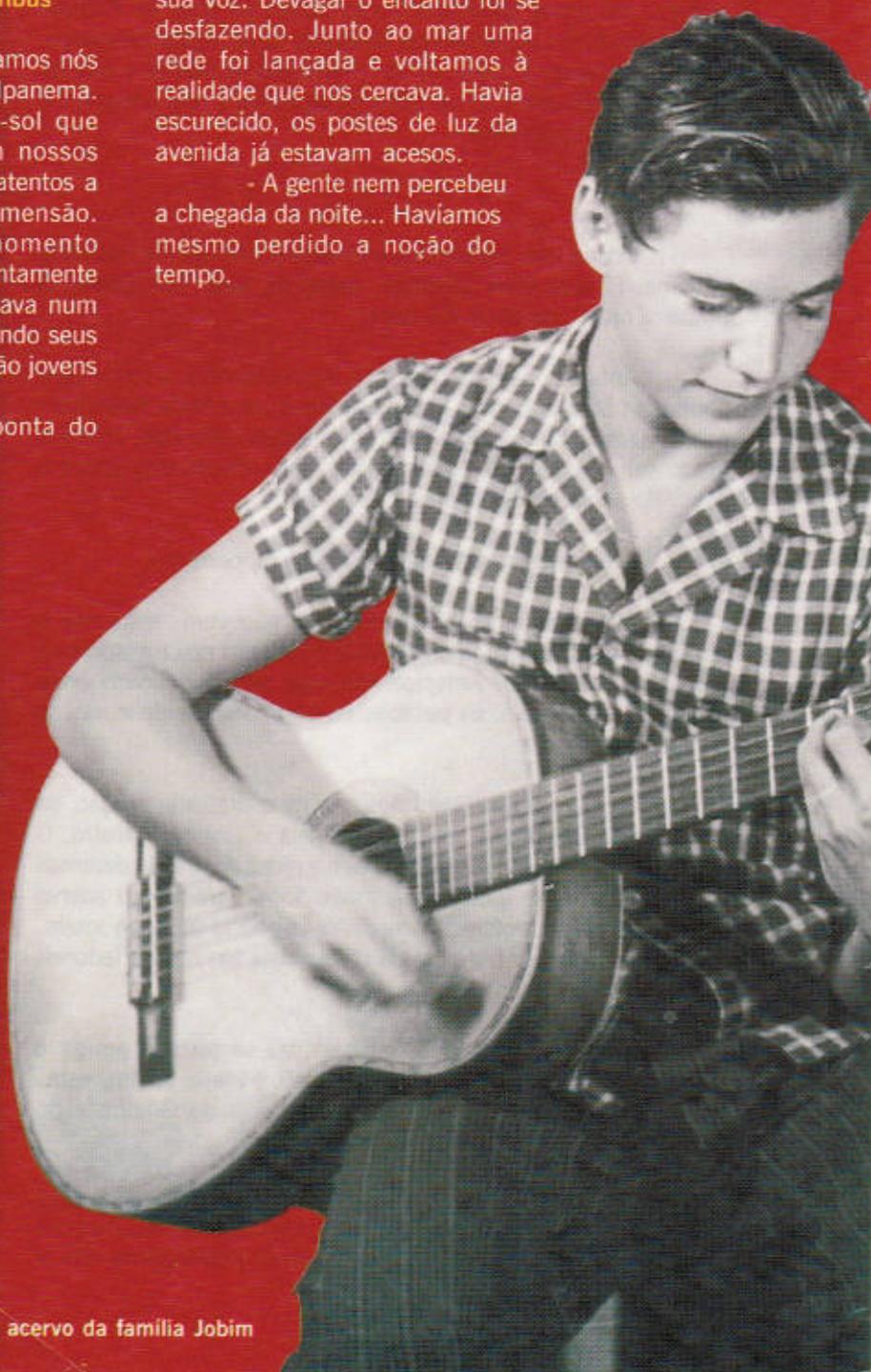
Jamais esqueci. O mar se tornara roxo. A noite chegava com suas pompas e seus brilhos. A bola rubra de fogo tinha se afogado na imensidão do oceano. Permanecemos em silêncio, sentados no banco de pedra que existe até hoje. Penso que naquele instante estivemos mesmo em outro espaço de tempo, tal a tranquilidade das sensações. Sentia que estávamos muito juntos e que permaneceríamos unidos para sempre.

Em voz baixa, quase sussurrada, meu irmão falou de novo:

- Tanta paz... Por que não é sempre assim?

O marulhar das ondas que iam e vinham abafou sua voz. Devagar o encanto foi se desfazendo. Junto ao mar uma rede foi lançada e voltamos à realidade que nos cercava. Havia escurecido, os postes de luz da avenida já estavam acesos.

- A gente nem percebeu a chegada da noite... Havíamos mesmo perdido a noção do tempo.



Fotos: acervo da família Jobim

Na semana anterior à sua morte, em final de novembro de 1994, Tom me pediu que ficasse com seus dois filhos menores. Ia para Nova York se operar. Mal sabíamos que em nossas longas conversas naquelas tardes de primavera, estendidas pela madrugada, estávamos nos despedindo. Era como se de alguma forma pressentíssemos um acontecimento ainda sem nome. E de novo o tempo não existiu, e de novo estivemos mais juntos do que nunca. Voltamos à nossa infância, à nossa juventude.

Tom lembrou o tempo em que ele, rapaz ainda, subia os morros do Rio de Janeiro e entrava na floresta para ouvir o pio dos inhambus. Já começava a compor e a estudar piano obsessivamente.

#### **Lembrou-se do quanto lutara com a solidão do artista. Falou de nossa infância sem pai**

Lembrou como ouvia temas inteiros dentro da mata. A música o procurava. Chegava em casa e anotava imediatamente em uma

pauta os sons que trazia de lá. Lembrou-se do quanto lutara com a solidão do artista, com sua excessiva sensibilidade. E falou de nossa infância sem pai. Do tema que havia feito para ele, e que tão apropriadamente chamara de "Lenda". Por fim, lembrou-se de um programa de televisão que fizemos juntos onde citara uma frase do grande escritor Pedro Nava: "Quem fica órfão em tenra infância segue pela vida sem um braço".

A escuridão envolvia a casa. Os vagalumes piscavam suas pequenas luzes verdes, e o som dos grilos trincava o veludo da noite. Besouros batiam com estalidos secos nas portas de vidro que davam para o jardim. Quem poderia esquecer?

Das janelas sempre abertas de seu estúdio podíamos ver, sobre o morro do Corcovado, a estátua do Cristo Redentor se iluminar. A copeira entrava com uma bandeja de café. Ele se animava. Contava sempre uma graça, ríamos. Dizia que quando voltasse de Nova York passaria um tempo grande em seu sítio do Poço Fundo, só descansando. Esquecia então a inquietude do momento que vivia, da doença que carregava.

Seu estado de espírito oscilava: assim como vivia dias de esperança, emudecia de repente, os olhos distantes. Eu sabia que no recôndito de seu ser ele presentia a morte.

#### **Jorge Jobim conheceu Nilza Brasileiro de Almeida em Porto Alegre, onde se casaram**

Jorge de Oliveira Jobim nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 23 de abril de 1889. Caçula temporão e oitavo filho do casal Francisco Martins de Oliveira Jobim (filho do Barão de Cambahy) e Antônia Cândida da Trindade, avós paternos de Antonio Carlos. Ali viveu sua infância, ali principiou seus estudos. Kursou o secundário em Porto Alegre e formou-se bacharel em Direito no Rio de Janeiro, pela Escola Livre, em 1910. Seguiu carreira diplomática. Representou o País em Quito, Buenos Aires, Valparaíso e na Embaixada Brasileira no Peru, seu último cargo no exterior. No entanto, não suportou a solidão. Sofria muito com a saudade de sua terra. Voltou para Porto Alegre e recomeçou a lecionar Direito Internacional.

E foi em Porto Alegre que conheceu aquela que seria sua futura esposa: Nilza Brasileiro de Almeida. Ela, com apenas 15 anos, apaixonou-se perdidamente por Jorge, homem bonito, inteligente, e culto. Poeta, escritor, crítico e jornalista, realizava conferências literárias, colaborando na imprensa do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Casaram-se em 1926, ele com 37 anos, ela com 16, com uma grande festa na sociedade gaúcha. O combinado entre eles era de viverem no Rio de Janeiro. Jorge cumpriu a palavra.

#### **O médico que viu Tom nascer foi o mesmo que fez o parto de Noel Rosa**

Seu primeiro filho, Antonio Carlos, nasceu no Rio de Janeiro. Em casa, na rua Conde de Bonfim, nº 634,



Tom e Helena

no bairro da Tijuca, às 23 horas e 15 minutos do dia 25 de Janeiro de 1927. Por coincidência, o médico que atendeu Nilza foi o mesmo que anos antes trouxe ao mundo o grande compositor Noel Rosa. Começava por ele, Antonio Carlos, a sexta geração dos Jobins no Brasil. Trazia no sangue a fama e a valentia de seu ancestral José Martins da Cruz Jobim, primeiro Jobim a aportar nossa terra em 1775, advindo da freguesia de Santa Cruz de Jobim, no Bispado do Porto. Vinha, a mando do rei, defender as fronteiras do atual Rio Grande do Sul, àquela época um posto avançado do domínio português. Seu filho mais velho, Conselheiro José Martins da Cruz Jobim, doutor em medicina, formado em Paris, foi fundador e diretor da Faculdade de Medicina do Brasil. Também médico da Casa Imperial e senador do Império. Foi ele quem pesquisou as raízes européias da família Jobim. Nobreza militar originária da França, que aparece em um dos brasões. (Primitivamente Joubin, Jovim).

#### **Antonio Carlos Jobim foi a Porto Alegre com os pais Jorge e Nilza logo após o nascimento**

Logo após o nascimento de Antonio Carlos, Jorge Jobim foi com Nilza a Porto Alegre mostrar seu filho à família. Foi difícil para ele voltar para o Rio de Janeiro, deixando suas raízes longe. Após muitas tratativas com Nilza, acabaram voltando. Jorge tinha no Rio ligações com os mais importantes escritores da época. Foi nomeado Inspetor de Ensino pelo governo. Frequentavam sua roda íntima, entre outros, o pintor Oswaldo Teixeira, que o retratou, e Alberto de Oliveira, também poeta parnasiano e seu mestre. Publicou, com ele, "Poetas Brasileiros" e "Contos Brasileiros", da coleção Áurea. "Ó minha Infância" (coletânea dos maiores escritores mundiais, organizada por ele) e "Os Mais Lindos Contos Para Crianças" (também organizado por ele). Esse livro tem a seguinte dedicatória: "Para o meu Antonio Carlos ler quando tiver oito anos". Publicou também livros de poesia de sua autoria, "Colméia

Cristã" e "Poesias", este prefaciado por Alberto de Oliveira. Deixou alguns trabalhos até hoje inéditos, entre eles, "Cartas e Versos de Amor (de Jorge para Nilza)".

O casamento de Jorge com Nilza foi desgastado por inúmeros problemas, sendo um deles a grande diferença de idade. Atormentado por crises nervosas, separou-se dela, regressando três anos depois. Desse reencontro nasceu sua filha Helena Isaura. Entretanto, acentuava-se cada vez mais sua doença nervosa. Naquela época a medicina não dispunha dos recursos de hoje, medicamentos que poderiam atenuar suas grandes angústias. E, pela segunda vez, separou-se de Nilza. Viveu apenas mais um ano. Já internado em casa de saúde, confessou a seu amigo Oswaldo Teixeira:

- Não posso viver com Nilza, nem posso viver sem Nilza.

Faleceu aos 47 anos, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1935, de fulminante parada cardíaca.

#### **Tom era uma criança que vivia na praia, encantado com a natureza e os bichos**

Antonio Carlos Jobim cresceu forte e bonito. Herdara do pai o pendor literário. E da avó materna, Emília Aurora, o lado musical. Essa avó, mãe de Nilza, tocava piano e cantava. Tinha ouvido absoluto. Tom (apelido dado por sua irmã) alternava momentos de alegria e entusiasmo, com abstrações que o distanciavam do mundo que o cercava. Mas era uma criança feliz, que vivia na praia, encantado com a natureza e com os bichos. Quase sempre seus desenhos de menino retratavam animais da nossa terra. E muito criança ainda fez uma redação que a professora não acreditou ser de sua autoria: "Auto-biografia de um gavião", onde ele se colocava como sendo um gavião, fugindo dos tiros dos caçadores.

Quando sua mãe abriu um colégio e alugou um piano para as aulas, Tom aproximou-se dele quase magicamente. E sozinho começou a buscar os acordes das melodias que conhecia. Começou também a tentar





"A única irmã possível, o beijo do mano Tom"



Álbum de família

1. Tom e a mãe Nilza
2. Tom e Helena em 1945
3. Tom e Helena em 1981
4. Tom Jobim aos 18 anos
5. O nenê Tom

## Depoimentos

### Danilo Caymmi

Antonio Carlos Jobim, o nosso inesquecível Tom, foi sem dúvida o músico mais importante do Brasil. Desde muito jovem estive perto dele. Frequentava sua casa, amigo próximo que sou de seu filho Paulo. Tom sempre me incentivou. Chamou-me para fazer parte de sua Banda, coordenando-a. Durante dez anos viajamos pelo Brasil e pelo mundo, sempre com grande sucesso. Eu cantava e tocava flauta. Os ensaios eram sempre muito divertidos e frequentes. Tom era um perfeccionista. Exigente ao extremo com seus integrantes. Sabia das coisas. Olhava para a gente e dizia: - Hoje você não está muito bem, não é? Acertava sempre. Era um mago.

Ao mesmo tempo possuía um fino humor. Ríamos muito juntos. Quando lembro do Tom, sorrio sozinho. Acredito que a banda tenha durado tanto por ele ser atento a tudo. Aprendi com ele a ser matutino, disciplinado e tenaz. Era um ser humano simples, que amava e defendia a natureza. Ninguém melhor do que ele sabia fazer um churrasco de frango.

Tinha muito carinho por Dorival Caymmi, meu pai. Ambos possuíam um estilo próprio, único. A marca dos gênios. Bastam três notas para o ouvinte saber de quem é a música. Além de grande compositor, era também grande pianista. Seu trato com o piano era de extrema doçura. Eu tinha a impressão que seus dedos atravessavam as teclas e encostavam nas cordas, lá dentro do piano, tão delicado era o som.

A saudade dele vive em mim.

Danilo Caymmi

Rio de Janeiro, 12 de junho de 2001 - 06h30min.

### UM ABRAÇO PARA O TOM

Quem seria o melhor compositor do Brasil em todos os tempos? Lamartine, Ary Barroso, Villa-Lobos, Pixinguinha, Cartola, Dorival Caymmi, Tom Jobim?

Não gosto muito dessa coisa de melhor, de rei, dessa última especialmente, pois sou ferrenhamente republicano desde que me conheço por gente.

Minha opinião: todos foram expressivamente grandes em cada época que viveram. E continuam sendo pelas belíssimas obras que nos legaram.

Tom Jobim, por ser mais contemporâneo, ter subido ao céu muito cedo demais, leva alguma vantagem. Suas músicas são mais recentes e atuais e, confesso, atuam em nossa mente musical com mais força e frequência.

Como se elas tivessem sido compostas para mim, minha voz.

Infelizmente não tive uma maior relação de amizade com Tom, mas me lembro muito orgulhosamente de um fato que aconteceu em poucos minutos de um breve encontro entre nós.

Recém-chegado dos Estados Unidos, na antiga TV Rio (Posto 6 de Copacabana), sem que eu perguntasse, me falou:

- Você tem uma música que eu gostaria de ter composto. E cantarolou:

"Tira de mim esse olhar de tristeza; tristeza não fica bem em seu olhar" (Canção dos olhos tristes ou Song of blues eyes).

E eu não lhe disse no momento, mas faço agora:

- Tom, eu gostaria de ter composto todas as suas músicas!

Um grande abraço, Mr. Antonio Carlos Jobim, também chamado de Tom.

Tito Madi

Rio de Janeiro, 20 de junho de 2001.

### Tito Madi

### A casa do Dr. Oscar

para a querida Chica

Quasi no topo da áspera ladeira,  
Dominando a cidade e olhando o rio,  
Tu te ergues, ó casa hospitaleira,  
Desafiando o sol, a chuva e o frio.

Amo-te assim, envelhecida embora!  
E embora o tempo as pedras te escurente,  
É com saudade que te deixo agora,  
Casa da minha terra e da minha gente!

Tu me viste menino, ainda brincando,  
Nos jogos pueris da tenra idade  
Nessa quadra risonha e linda, quando  
Tudo é sonho, prazer, felicidade...

Depois me viste despertar com a aurora,  
E, nas frias manhãs do inverno rudo,  
Ouvindo o vento sibilar lá fora,  
Curvar-me sobre os livros para o estudo.

Viste-me orphão, carregando o luto,  
E viste-me depois noivo risonho,  
Impaciente, a contar cada minuto  
Para ir realizar meu grande sonho...

Eu não te esquecerei, casa querida!  
Tire-te embora o tempo a côr e o brilho,  
Hei de sempre lembrar por toda a vida  
Que aqui sorriu, que aqui dormiu meu filho!...

Fiquem minhas irmãs boas e crentes,  
Com os corações que a Fé sustenta e abrasa;  
Conserve Deus seus corações ardentes  
E abençõe e proteja os desta casa.

Jorge Jobim

*Casa da rua Bento Gonçalves, 35 (antigo 52)  
Porto Alegre, 16 de abril de 1927  
(Sabbado de alleluia)*

*Poemas com a grafia da época*

### A Jorge Jobim

Aos que envelhecem no labor sagrado  
De bem servir ao verso, e embora a mente  
Lhes arda ainda, de illusões fremente,  
Já tem o braço de luctar cançado,

Grato é ver os mais novos ao seu lado,  
Dando à Arte igual amor, que a represente,  
Para que continue no presente  
Com o mesmo brilho o culto do passado.

Bem haja, pois, a Musa cujo canto  
Ora se faz ouvir, e claro e limpo  
Sôa e arrebatá, no orpheonio encanto;

Bem haja o Poeta-irmão – alma de ephebo,  
Gerada, o Ascreu diria – no alto Olympo  
De um beijo das Permessides e Phebo!

*Soneto-prefácio de Alberto de Oliveira para Jorge Jobim. Pela grafia antiga, como está no livro Poesias (1906-1914).*



Jorge Jobim, pai de Tom e de Helena

seus próprios acordes. Tinha então 14 anos. Imediatamente Nilza procurou um bom professor para o filho. Muito cedo, conheceu aquela que seria sua primeira esposa, Thereza. Já lia muito, estudava música fervorosamente.

**"Essa rosa é especial.  
Sua vida é predestinada"**

Tinha 18 anos quando sucedeu-lhe algo insólito. Um homem que vendia flores em um bar, sem hesitar, dirigiu-se à mesa de Tom. Ofereceu-lhe uma rosa vermelha da bandeja que carregava e fez menção de entregá-la a ele. Tom recusou delicadamente: - Não tenho dinheiro para rosas. Mas o homem retrucou: - Essa rosa é especial. Para sua namorada. Tom reparou na estranheza da figura deste homem de olhos clarividentes. E nunca esqueceu do que ele lhe disse, apontando para seu copo de bebida: - Seu lugar não é aqui. Sua vida é predestinada. Não se perca.

Quando terminou seus primeiros estudos, preparou-se para o exame da Faculdade de Arquitetura. Queria casar logo com Thereza, e achava que a profissão de músico não lhe permitiria uma boa situação financeira. Prestou os exames e foi aprovado em 6º lugar, sendo 1º em matemática. Mas pouco depois, Celso Frota Pessoa, segundo marido de Nilza, apoiou-o em sua decisão de largar a faculdade e dedicar-se de corpo e alma à música, sua grande paixão. E foi o que fez, apesar dos fantasmas das dificuldades que previa com sua profissão.

**Tom Jobim acreditava no trabalho e passou por grandes atribulações até alcançar o sucesso**

Casou-se aos vinte e dois anos, indo morar com a mãe e o padrasto. Por essa época já tocava na noite e compunha. Percebeu que tinha de aprofundar seus estudos harmônicos. Seu sonho era deixar uma obra como seu ídolo, o grande maestro Villa-Lobos. Passou por grandes atribulações até alcançar o sucesso. Acreditava no trabalho. Criador do movimento da Bossa Nova,

cujo marco foi "Chega de Saudade", parceria com Vinicius de Moraes. Em sua segunda fase, compôs muitas músicas com teor ecológico, exaltando valores brasileiros. Deixou uma vastíssima obra com mais de 250 títulos gravados.

Já casado com sua segunda esposa, Ana Beatriz, intensificou suas apresentações pelo Brasil e pelo mundo, junto com sua famosa Banda Nova. Durante dez anos, levou o nome do Brasil para o estrangeiro.

Trabalhou com diversos parceiros, sendo os principais Vinicius de Moraes e Chico Buarque de Holanda. Mas muitas vezes Jobim fazia ele mesmo as letras de suas músicas.

Através de sua vida, recebeu muitos prêmios e homenagens, sem nunca perder sua simplicidade e generosidade. Possuía, com certeza, uma grande elegância moral.

"Águas de Março", letra e música de sua autoria, foi recentemente considerada a melhor música brasileira de todos os tempos. Sem dúvida, Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim viverá para sempre.

---

\* Escritora, irmã do compositor Antonio Carlos Jobim. Professora, freqüentou por um ano o curso de Criatividade Literária da Puc-Rio, sob a orientação dos professores Affonso Romano Sant'anna e Silviano Santiago. Estudou durante sete anos Literatura Brasileira e Portuguesa com o professor Ivan Cavalcanti Proença.

Obras: *A chave do poço do abismo* (1965), romance finalista do prêmio Walmap, concurso de nível nacional; *Clareza 5* (1968), romance também finalista do prêmio Walmap; *Trilogia do Assombro* (1981), romance vencedor do Prêmio Nacional José Lins do Rego. Foi adaptado para o cinema com o título *Fonte da Saudade: Os lábios brancos do medo* (1983), poemas, menção honrosa do Prêmio Nacional Guararapes; *Verão de Tigres* (1986), romance, adaptado para televisão. Em 1993 recebeu premiação da União Brasileira de Escritores como Destaque em Prosa pelo conjunto da obra. Em 1996 publicou *Antonio Carlos Jobim - Um homem iluminado* (Editora Nova Fronteira), biografia, prêmio Hors-Concours da UBE. Este livro foi publicado em Portugal, e traduzido e publicado no Japão. Em 2000 publicou *Pressinto os Anjos que me perseguem*, relato, 1º tomo dos sete livros de Bastidores da Criação, a serem lançados. Em 2001 publicou *Recados da lua*, romance da coleção Amores Extremos (Editora Record). Atualmente contratada pelo jornal O Estado de Minas, escreve crônicas publicadas semanalmente, às segundas-feiras. A Autora é também contista, teatróloga (*Boleto Sem Ravel e Os Cúmplices*) e letrista, tendo como parceiros Antonio Carlos Jobim, Danilo Caymmi e Paulo Malaguti.

## Felicidade

Jorge Jobim

Por cima justamente do meu quarto  
É que fica o aposento onde meus filhos,  
Fortes e lindos, mansamente dormem,  
Cheios de graça, o sono da saúde.  
Ele, cansado de ferir batalhas  
Com soldados de chumbo, e ela, cansada  
Da cirandinha e o anel que tu me deste,  
Com a noite buscam a fofêz do leite.  
E, por dormirem cedo, acordam cedo;  
De maneira que, às vezes, quando a aurora  
Mal embranquece os vidros da janela,  
Ei-los soltos os dois; a pequenita,  
Descalça ainda,  
Com o seu andar miudinho  
De boneca de mola,  
Vai e vem pelo quarto, e tagarela.  
O garoto, entretanto,  
Com pé mais firme e mais pesado,  
Já consegue fazer que, com seu passo,  
Tremam de leve as tábuas do assoalho.  
E ouço às vezes cair um objeto,  
Estalar uma límpida risada  
Ou bater uma porta.

O que, porém, mais me enche de alegria  
É muitas vezes, quando veem ralhando  
As madrugadas frescas e doiradas,  
Senti-los a cantar lá em cima os dois,  
A cantar e a pular nesse sadio  
Transbordamento da vitalidade,  
De que se orgulham tanto os pais que se amam.  
E eu cá de baixo, do meu quarto exíguo,  
Que ainda está na sombra,  
Tenho a impressão estranha mas feliz  
De que sou a raiz,  
Dolorosa e obscura,  
De uma árvore pujante,  
Em cujos ramos,  
Cheios de orvalho ou pranto,  
Dois ágeis passarinhos encantados  
Soltam lá em cima a voz, e, saltitantes,  
Riçam as penas, festejando a Vida.

Há certas madrugadas em que eu deixo  
De ser do Volga um mísero barqueiro,  
E sou, entre os coxins, as púrpuras e as sêdas,  
Um príncipe feliz das Mil e uma noites...

24.10.1933



Tom e Helena

# Se todos fossem iguais a ele

José Carlos Laitano\*

**ESCREVO** este texto ouvindo Gershwin.

Porque Tom Jobim lembra-me Gershwin e este remete-me a Antonio Carlos Brasileiro. Aprendi a escutá-los, mais que ouvi-los, na mesma época. Cada qual soube qualificar o som mais tradicional de seus países, universalizando-os.

Em matéria de criação nada vem do nada, cada um acrescenta sobre as experiências alheias. Da mesma forma, escolas, épocas, tendências não surgem por obra de um só artista, mas de um grupo, unidos ou espalhados em cantos diversos. É certo, porém, que o reducionismo é inevitável e um nome sobressai-se e passa a representar aquele momento da arte. Quando se fala em modernismo no Brasil qual o nome que imediatamente surge? Quando se diz Bossa Nova, é Tom Jobim. Depois João Gilberto. É assim.

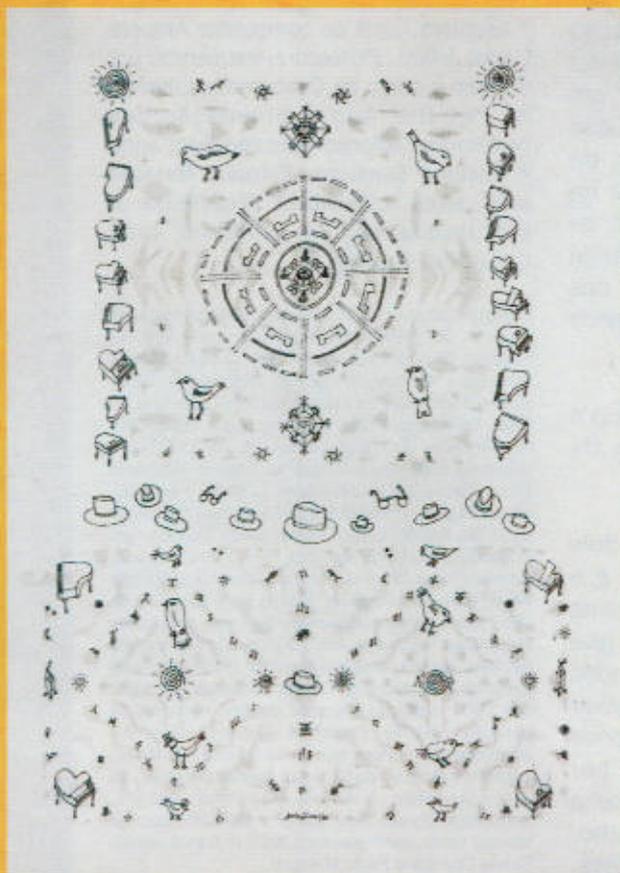
Tom buscou o samba, esse gingado afro-brasileiro tão nosso, amalgamou-o com o jazz e eis a música universal. O jazz também sofreu influência e o repertório americano é rico em Bossa Nova.

Nos anos cinquenta o Brasil ainda sofria a influência da cultura francesa. Minha primeira adolescência esteve voltada para a França, seus perfumes, sua música, seus filmes, sua literatura. Qualquer intelectual que se prezasse falava francês e, fosse dotado das benesses divinas, teria ido ao menos uma vez a Paris. Aos meus olhos gurus o Brasil tinha algo em comum com a França: as mulheres. Mulher francesa significava mais que uma possibilidade, quase uma certeza! Enquanto as nossas meninas gaúchas, paulistas, mineiras, eram exemplo acabado do recato, assexuadas, futuras mães e esposas, as francesas ....!!!

Então, finda a Segunda Guerra, os Estados Unidos assumem a liderança militar, política, econômica e cultural do mundo e através e principalmente de Hollywood exporta o modo do viver e ver o mundo dos americanos. Nova York cresce como objeto de desejo da intelectualidade tupiniquim. Crianças e mais crescidos babam por Disney. Ficamos deslumbrados com São Francisco, Rio Mississipi, Grande Canyon, Califórnia e seus faroestes, Marilyn Monroe, filmes policiais, musicais, o movimento das imagens em ritmo trepidante, a cor agressiva tipo pepsicola, o ideal é ser vencedor e rico. E o grande inimigo comunista. Tudo isso fez a nossa cabeça ao longo dos anos 50 e 60. Em 70 a França já era! E foi em meio a essa jogada do Tio Sam que surgem Johnny Alf, Tom Jobim, João Gilberto e seus amigos e, com muita malandragem, mordem o tigre em uma das suas intimidades: a música.

Nos anos 50, pelo que lembro, aporta no Brasil o *cool jazz* (lembra Dick Farney?), um jazz mais suave, digamos assim. Johnny Alf é reconhecido por Tom como o precursor na incorporação de elementos musicais americanos na produção brasileira. Tom Jobim lança, em 1954, Hino ao Sol (parceria com Billy Blanco), o primeiro passo do que, três anos depois, denominou-se Bossa Nova, quando surgiu a gravação de *Chega de Saudade* (parceria com Vinicius). Se algum dado histórico estiver errado, não importa, este é um depoimento de escritor que nada entende de música: valem as lembranças e os sentimentos.

Agora, leitor, considere o que significa ser Antonio Brasileiro: um jovem compõe *Chega de Saudade* (vai, minha tristeza, e diz a ela/que sem ela não pode ser/ diz-lhe numa prece/que ela regresse/porque eu não posso



Tom - eu sei que vou te amar - 1995 - Anete Abarno  
Foto: F. Zago - Studio Z

## PARA ENCANTAR O SUL

Foi uma verdadeira viagem através das terras, céus e mares de Antonio Carlos Jobim. Com essa frase, o então jornalista de Zero Hora, Juarez Fonseca, inicia seu texto para falar do primeiro show do músico no Rio Grande do Sul, em abril de 1986, no Hotel Laje de Pedra, na cidade de Canela. A segunda apresentação do artista ocorreu em junho do mesmo ano no Theatro São Pedro, em Porto Alegre.

Mais de mil pessoas assistiram na serra gaúcha ao espetáculo de Tom, que incluiu os seus clássicos, como Samba de Uma Nota Só, Desafinado, Lúcia, Luíza, Passarim, Samba do Avião, Águas de Março e Garota de Ipanema (uma das músicas mais executadas em todos os tempos no mundo). Fonseca encerra a matéria dizendo que "as pessoas saíram flutuando" da apresentação. Na ocasião de sua estada na Serra, Tom declarou ao jornalista, em entrevista da qual participou também o compositor Chico Buarque, que era gratificante vir ao Rio Grande do Sul, onde somente tinha estado com um ano de idade, em 1928.

A primeira vez que o músico se apresentou em palco porto-alegrense – e seu segundo show no Estado – foi quando da passagem de dois anos de reabertura do Theatro São Pedro e 128 anos de sua inauguração, em 10 de junho de 1986. Nessa oportunidade, os críticos dos veículos de comunicação novamente definiram – já havia mesmas referências quanto ao show em Canela – seu espetáculo como "inesquecível". Tom tocou e cantou suas composições mais conhecidas, acompanhado de um grupo de dez artistas.



Conforme Fonseca, Tom Jobim era um artista afetuoso e falante. O jornalista foi, inclusive, um dos últimos profissionais da imprensa a conversar com o músico no Brasil um dia antes de seu embarque, em 1994, para os Estados Unidos, onde morreu em dezembro daquele ano. Ao Sul, restam essas memoráveis passagens de Tom, com sua voz grave e encantadas melodias.

Foto: Luiz Ávila  
Canela, 13.04.1986  
gentilmente cedida por Zero Hora

Claudia Chiquitelli  
Jornalista  
e-mail: claudia@ajuris.org.br

mais sofrer).

Fosse eu podia morrer, estava realizado.

Mas surge, ao longo da sua carreira, *Este Seu Olhar* (Este seu olhar/quando encontra o meu/fala de umas coisas/que eu não posso acreditar), *Corcovado* (Um cantinho, um violão/esse amor, uma canção/prá fazer feliz a quem se ama), *Samba do Avião* (Minha alma canta/vejo o Rio de Janeiro/estou morrendo de saudade).

Eu podia morrer duas vezes.

Mas Tom encontra Vinicius de Moraes, santo Deus! *Se Todos Fossem Iguais a Você*, *Eu Sei Que Vou Te Amar*, *Canção do Amor Demais*, *Brigas Nunca Mais*, *O Nosso Amor*, *Sem você*, *Insensatez*, *O Morro Não tem Vez*. E outras.

Morri três vezes.

Eis Chico Buarque de Holanda: *Retrato em Branco e Preto*, *Anos Dourados*, *Pois é...* Billy Blanco com *Copacabana*, *Tereza da Praia...* Aloysio de Oliveira (*Dindi*), Newton Mendonça (*Meditação*, *Samba de Uma Nota Só*).

Basta? Tem Dolores Duran com *Por Causa de Você*.

Virei gato, posso morrer sete vezes.

Aí sou enterrado: *Águas de Março* (É pau, é pedra, é o fim do caminho/é um resto de toco, é um pouco sozinho), *A Felicidade* (Tristeza não tem fim/felicidade sim/ A felicidade é como a gota/de orvalho numa pétala de flor), *Olha Maria* (Olha Maria/eu bem te queria/fazer uma

presa/da minha poesia), *O Morro não tem vez* (O morro não tem vez/e o que ele fez já foi demais/mas olhem bem vocês/quando derem vez ao morro/toda a cidade vai cantar), *Garota de Ipanema...*

Recebo coroa de flores: Tom é gravado pelos maiores nomes: Frank Sinatra, Elis Regina, Sarah Vaughan, João Gilberto, Stan Getz, Vinicius, Ella Fitzgerald, Chico. Todo o mundo!

Hoje, você liga o rádio e a TV e encontra Gershwin e Tom Jobim em show, filme, teatro. Ali está Frank Sinatra, Ella, Stan, Sarah, imagine esses ícones cantando coisa nossa!

Gente, dá um orgulho ser brasileiro, viva a Seleção! (ôpa...). Confesso que só não gostei daquele charutão eternamente entre os dedos de Tom, pareceu-me pouco ecológico.

Depois surgiram outras tendências, como a tropicália, que fizeram furor, fizeram época, mas passaram.

Tom Jobim continua, Gershwin continua, como os clássicos.

\* Juiz de Direito aposentado – RS. Diretor Cultural da Associação dos Magistrados Brasileiros e Vice-presidente da Associação Gaúcha de Escritores. Obras-solo publicadas: *Minha mulher chamava-se Jarbas* (1989), *Crônica da paixão inútil* (1992), *Jogo do passa-conto* (1995), *Bianca di Morano* (1999). e.correio: joselaitano@terra.com.br http://laitano.cjb.net

# O Borges que eu conheci

Álvaro Alves de Faria\*

É muito difícil falar sobre as duas tardes em que me encontrei com Jorge Luis Borges em seu apartamento na calle Maipu, em Buenos Aires. Faz 25 anos. Faz uma existência.

Antes de viajar, telefonei para ele muitas vezes,

tentando uma entrevista que eu achava impossível. Atendia-me monossilábico. Até que concordou. Viajei então para Buenos Aires com a certeza absoluta de que não seria recebido. Mas fui. E a entrevista que seria de, no máximo, duas horas, acabou sendo de 12 horas, em duas tardes e parte da noite.

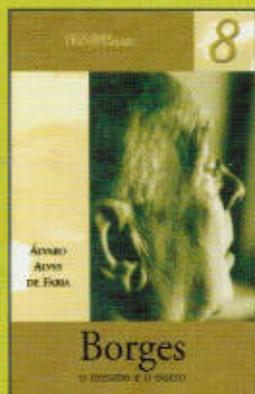
Encontrei não o escritor para mim um mito na época. Encontrei, sim, um homem desestabilizado, envolvido em ressentimentos e amarguras quase sem saída. A mãe Leonor, com quem vivera a vida inteira, havia morrido alguns meses antes. A solidão de Borges era violenta e assustadora.

De volta ao Brasil não consegui escrever a entrevista com Borges. Naquela época, 1976, eu era editor do *Jornal de Domingo*, um suplemento cultural do *Diário de S. Paulo*, já extinto. Escrevi, então, uma pequena matéria sem entrar em detalhes. Nos anos 80, publiquei outras partes no *Folhetim*, que era um suplemento da *Folha de S. Paulo*. E, mais recentemente, voltei à entrevista, ainda em partes, na revista *Caros Amigos*, de São Paulo. Agora decidi colocar o texto definitivo em forma de livro, que sai com o título "Borges - o mesmo e o outro", pela Editora Escrituras, de São Paulo.

Conscientizei-me do seguinte: se Borges disse tantas coisas, a maioria sem que eu lhe tivesse perguntado, é porque queria que isso fosse de conhecimento público. Nada mais correto, então, que eu, de uma vez por todas, escrevesse todas as palavras que me disse em Buenos Aires. E assim fiz, 25 anos depois.

Confesso, no entanto, não ser nada fácil. Faz alguns dias recebi uma carta do poeta português Albano Martins, que leu o livro. Ele foi textual em





dizer que teria de reler Borges, com outro olhar. Na verdade, meu livro não tem a intenção de pedir uma revisão da vida do grande escritor argentino. Não. E aí entra aquela questão de que é preciso separar o homem de sua obra. Eu, particularmente, não consigo. Acho que a obra será sempre resultado das experiências existenciais de um autor. É mentira dizer que as obras de ficção são sempre ficção. Não entendo assim. E não entendo assim partindo de minha própria experiência como poeta e escritor.

"Borges – o mesmo e o outro"

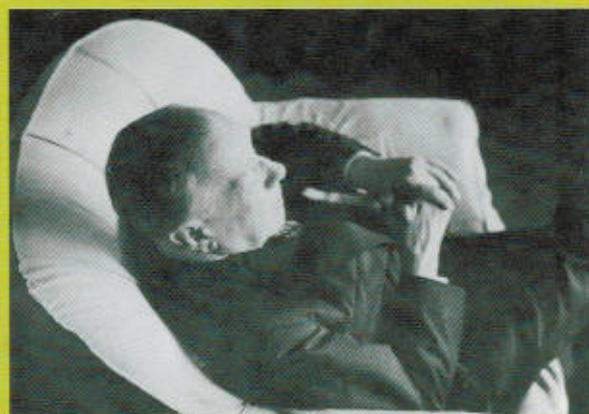
causa polêmica, eu sei. Mas, ao escrevê-lo, não estava preocupado com isso. Escrevi um longo ensaio e nele me envolvi com linguagem mais de poeta que de jornalista. Voltei àquele clima de duas tardes de sol em setembro de 1976. Duas tardes em que Borges, ao mesmo tempo em que me falava sobre os pombos de Buenos Aires, também desfiava ressentimentos contra tudo e contra todos, a começar pela língua espanhola, passando pelos escritores latino-americanos, pelos militares que na época governavam a Argentina, pelo seu fascínio por governos duros e autoritários, até o que pensava da raça negra e da América Latina, que ele considerava um romance mal escrito e feito de mediocridades.

A certa altura parei de perguntar, mesmo estando diante de Borges como um jornalista. Borges sempre fez questão de destacar sua posição contra o jornalismo que, para ele, não servia para nada. O que, afinal, valia no mundo era a poesia. Mesmo estando diante de um homem amargo, que tinha apenas o desejo de morrer, Borges cultivava a poesia como uma espécie de salvação para a humanidade. Por isso, o livro não é apenas um desfiar de contrariedades. É também uma longa aula de literatura - e de poesia em particular - de quem exigia a volta dos poemas épicos

Nada lhe interessava do pensamento político dos escritores. "O que me interessa o pensamento político de Shakespeare?", perguntou-me ao responder a uma indagação que lhe fiz. Quando dava respostas assim, era um indicativo de que o assunto estava encerrado e aí seguia-se um longo silêncio que se repetiu muitas vezes de maneira dolorida. Em certa altura, disse-me que participara da Guerra Civil Espanhola, mas em pouco tempo percebeu que Franco lhe era merecedor de todos os seus elogios. Ousei dizer-lhe que Lorca tinha sido fuzilado pelas forças franquistas. O que se seguiu foi um silêncio pesado, uma espécie de morte a corroer os pensamentos. O Nobel Pablo Neruda, por exemplo, foi um poeta mediocre, mas a política fez dele um grande poeta latino-americano. Gabriela Mistral, outro Nobel chileno, foi apenas um equívoco. Aliás, todos os escritores latino-americanos eram um equívoco. Dos escritores brasileiros, ouvira falar em Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Euclides da Cunha. Mas só ouvira falar.

Fiz muitas fotos de Borges e com ele tomei chá quatro vezes. Borges deixava escorrer chá pelo queixo e também fazia barulho com a boca, ao bebê-lo. Tinha as unhas esmaltadas. Usava uma camisa azul e um terno também azul, elegante. Os olhos azuis estavam apagados.

Fui o único brasileiro que teve esse privilégio de ter sido recebido por Jorge Luis Borges em sua casa, que com ele conversou por 12 horas. Não quis escrever um livro amargo. Mas também não podia fugir da realidade que vi. Uma realidade que até hoje, 25 anos depois, se impõe. Lembro-me que me perguntei - e isso faz parte do livro: Afinal, é assim que vive um dos maiores escritores do mundo? Essa pergunta ainda me faço hoje. Não sei o que me responder.



\* Jornalista, poeta e escritor. Poeta da Geração 60 de São Paulo. Autor de, entre outros, *20 poemas quase líricos e algumas canções para Coimbra* e *A memória do homem*, livros de poesia publicados em Portugal, e dos romances *Autópsia* e *Dias perversos*. Crítico literário do *Jornal da Tarde* e da *Rádio Jovem Pan* de São Paulo.

artigo

# Os donos da língua

Walter Galvani\*

*Ciclamens brancos 1*  
aquarela de Myriam Dutra



O preconceito mora em toda a parte. Não se iludam, ele tem sempre como ocultar-se, transitar como uma serpente na obscuridade e só vir à luz na hora do bote. Ele se manifesta diante de situações muitas vezes inesperadas e não apenas diante da pele negra, branca, amarela ou vermelha. Vive no fundo dos subconscientes, aninhado entre os medos, os terrores, as suspeitas, no temor da própria incompetência, nas redes da insegurança. Não costuma mostrar-se à luz do dia ou isoladamente. Seus hábitos denunciam o sistema de proteção, somente expor-se quando em grupo, nunca surgir à tona como uma posição ou opinião individual. Assim, é contra tudo o que é diferente, porque na verdade abala nossa própria estrutura frágil.

Na realidade, o preconceito é a primeira arma, defensiva no início, daqui a pouco ofensiva, de proteção da reserva de domínio que é o espaço onde se nasce, vive e opera.

Dá a luta pela língua, pelo dialeto, pela pronúncia local e pela gíria. São os individualistas preconceituosos mostrando suas unhas enormes.

Lembro-me do exemplo da extraordinária cantora Elis Regina que, obrigada a emigrar para o Rio de Janeiro, pelo estreito mercado de trabalho no Rio Grande do Sul, passou, em menos de um mês, a falar e cantar em carioca, um falar brasileiro com muitos "sss" e "rrr" que ainda persiste e identifica em segundos a região de proveniência. A época, anos 50, mais forte ainda do que hoje, por se constituir então o Rio na incontestada capital cultural do Brasil, a única forma de uma jovem cantora do Sul afirmar-se e alcançar prestígio nacional era pelo menos aparecer com este selo de origem.

Quando alguém abre a boca, seja em contatos pessoais, seja através dos meios de comunicação, fica o resto da população atento, mesmo em tempos de "globalização" nacional da norma culta pela televisão, para saber de onde vem o indivíduo que postula, seja a presidência da república ou um lugarzinho ao sol na música popular.

A língua é o passaporte que abre caminhos e, ao mesmo tempo, os fecha. E assim ocorre, não se iludam, em todos os níveis e círculos de atividade, pois a forma de expressar-se denota muito mais do que o simples conhecimento da língua. Reflete educação, polimento, anseios, aspirações, militância política, ideologia, preparo para a vida em sociedade, numa completa síntese da personalidade.

Ora, é o que se dá com a língua portuguesa em seu processo de identificação e ao mesmo tempo expansão pelo mundo.

E é o que explica que existam "donos da língua", tanto em países que lideram, como é o caso do Brasil, pelos seus 170 milhões de habitantes, quanto por aqueles que ocupam a posição institucional, como Portugal, hoje com 10.800.000, que, inventor da língua, pretende-se naturalmente como detentor da forma mais correta de falar e escrever.

Descendo a detalhes, é aí que se vê como os lusitanos torcem o nariz diante dos nossos "deslizes", como

utilizar o gerúndio ao invés do infinitivo, "indo", "chegando", "trabalhando", por "estou a chegar", "a trabalhar", "a ir", "a fazer" e tantos outros exemplos.

Da mesma forma, os brasileiros gargalham diante da maneira gutural e muitas vezes elíptica com que os portugueses tratam nossas vogais, pronunciadas abertamente no lado de cá do Atlântico e em algumas das outras antigas colônias, mesmo naquelas que se libertaram somente na última metade do século XX.

Na verdade, o riso desapiedado, o sarcasmo, de lado a lado, denotam apenas o preconceito, filho da insegurança, primo irmão da incompetência, sobrinho da acomodação e neto da ignorância...

Seria muito mais simples e correto aceitar o "coirmão" e ajudar a estimular a formação do bloco mundial respeitável (sexto no Ocidente) que fala a mesma língua, embora todas as diferenças regionais que na verdade a enriquecem com as incorporações, os empréstimos, as mutações de pronúncia ou as expressões típicas.

Não pensem que isto se dá apenas com o português. Da mesma forma ocorre com o espanhol, onde Madri pretende manter a posição de sede da "Corte" e de árbitro absoluto das questões lingüísticas com a sua "Real Academia" e o dicionário soberano para dirimir questões em todas as antigas colônias do vasto império. E mais ainda com o inglês, pois a sua disseminação pelo mundo é ainda maior e portanto submetida às características locais, aos idiotismos normais, às convenções e às necessidades de cada região, a despeito da pesada hegemonia norte-americana nos últimos setenta e cinco anos. Isto não impede que na Inglaterra se diga que nos Estados Unidos não se fala o inglês...

Todos nós que falamos línguas neolatinas carregamos, no mais profundo inconsciente, a nostalgia do Império Romano que dominava todo o mundo "conhecido" do Ocidente e parte do Oriente e a estas vastas regiões impunha seus costumes, sua moeda, seu poder político e militar e sua língua. E foi da decomposição e da sua dissolução que o "latim bárbaro" das "legiões" e dos funcionários se transformou, vagarosamente, incorporando pensamento, expressões, usos e costumes, objetos, animais, atividades, fazendo surgir o francês, o provençal, o castelhano, o português, o romeno, o galego, e outros mais ou menos votados e influenciando minoritariamente mas de forma indelével no alemão, no inglês ou no grego moderno.

No caso específico da língua portuguesa, vejam o quanto foi preciso amoldar-se, adequar-se às questões locais, e isto não só no Brasil, terra conquistada e tão lentamente ocupada que até hoje não está concluída esta etapa, tanto que ainda vivem no lusco-fusco das nossas florestas tribos indígenas com as quais os brancos ainda não fizeram contato. Esta é a realidade da terra brasileira e não apenas a devastação da Natureza e a ocupação destruidora do Litoral, a construção de cidades megalômanas à moda norte-americana e o menosprezo das tradições locais, das religiões, dos mitos e dos modos de vida e produção dos habitantes autóctones, incorporados pela nova civilização destes últimos cinco séculos.

Mas esta é também, sem tirar nem pôr, a situação de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, como o é a dos antigos enclaves portugueses asiáticos, como Goa, Damão e Diu, ou o pouco que restou no Malabar, no Ceilão, no próprio Japão e na China, pelo menos com a modernamente tão conhecida Macau, ou com o Timor Leste que no seu processo de independência incorporou o uso do Português como língua oficial, a despeito do Tétum local, que tanto uso tem, mas não dispõe do prestígio e da força internacional que a nossa neolatina ainda ostenta.

Além, portanto, da sua operacionalidade, a língua portuguesa se afigura aos timorenses como uma forma de elevação social, de afirmação política e, indo mais longe, de independência, forma de afastamento dos indonésios, a quem não emprestam legitimidade, como resultantes que são de uma apropriação indébita primeiro por parte da Holanda, mais tarde do próprio regime local.

Falar uma língua destas, a despeito das diferenças absolutamente normais e justificadas, deveria ser um orgulho coletivo e não uma submissão a mecanismos que soam como camisas-de-força a impedir a livre expressão

e criatividade e o próprio desenvolvimento. Não há nenhuma razão para que eu me expresse como um camponês do Ribatejo, mas também não se justifica que um habitante do Pampa seja criticado pela forma de escrever ou falar, pois, a despeito de montar cavalos e criar gado bovino, há tantas sangas a pular e coxilhas a galgar, sem que sejamos diferentes e não possamos compreender o que é uma ria.

Falta, pois, ao ser humano grandeza! Seja ele conterrâneo de Byron ou de Leonardo da Vinci, seguidor da rude cultura "western" americana ou baiano de corpo e espírito, "alfacinha" ou natural das savanas africanas, veneziano ou vienense, na verdade todos nutrem medos, costumam distâncias ao invés de aproximações e alimentam ódios que fazem nascer todo o mal que há na Terra, dos pequenos despezos aos grandes conflitos raciais, todos com a mesma origem na ignorância do preconceito.

Ninguém é dono, pois, de nada. Esteja ele coberto de sedas, assentado em Paris ou perdido numa cabana precária no interior do Moçambique, passeando nos palácios de ar-condicionado de Brasília ou desbrenhando a mata no Acre ou Rondônia, a cavalo nos campos sem fim da Fronteira do Rio Grande ou na luminosa Avenida da Liberdade em Lisboa.

Não há proprietários de língua nenhuma. Há, sim, os que dela se aproveitam para estabelecer limites, construir os muros que lhes dão Poder e que teoricamente sustentam o seu castelo de prepotência.

A tarefa que nos cumpre é denunciar e lutar para que todos saibam comunicar-se nesta babel e possamos pensar em derrubar a torre da intolerância.

Por outro lado, uma questão prática: os acordos ortográficos. Estes só podem ter vigência se ficarem restritos a algumas questões básicas. Onde pretenderem invadir a conflagrada área da criação lingüística regional, fatalmente deverão soçobrar. Há exemplos: José Saramago, primeiro Prêmio Nobel da nossa língua, não permite que seus textos recebam uma "adaptação" para edição no Brasil. Do lado de cá ninguém ganhou ainda o Nobel. Talvez por isto não se conheça um caso de rebeldia semelhante... Mas, aí se tem um exato desenho da situação.

\* Escritor e Jornalista. Autor do livro *Nau capitânia*, Editora Record, 1999. Recebeu, neste ano, o Prêmio *Casa de Las Américas*, de Cuba, em literatura brasileira.



Ciclamens brancos 2  
aquarela de Myriam Dutra

# Uma carta de Mario Quintana

Antonio Dall'Agnol\*

À Clarice, obviamente, e ao Vito, meu neto

**JOSÉ** Paulo Paes, poeta que também dedicou parte de sua produção para as crianças, em obra postumamente publicada, faz registrar em um poema: "A poesia é como o pêndulo dos relógios de parede de antigamente, que ficava balançando de um lado para outro". Ainda que o objetivo imediato do Poeta fosse o de estabelecer comparação com a prosa - que "é como trem, vai sempre em frente" -, não há como deixar de extrair do verso o próprio da poesia, que é o ritmo.

Sabem-no bem os poetas. Um dos grandes da Literatura em Língua Portuguesa, Fernando Pessoa, expressou-o: "Um poema é uma impressão intelectualizada, ou uma idéia convertida em emoção, comunicada a outros por meio de um ritmo".

Sabem-no, ademais, também as crianças, conforme pessoalmente tive oportunidade de vivenciar (assim como outros pais, seguramente), ao início da formação cultural de meus filhos. A atração pelo poema, na sua formulação infantil, foi uma constante, em que pese eventual dificuldade de compreensão.

À minha filha mais velha, Clarice, hoje inteiramente dedicada aos assuntos e matérias do campo das Letras, impressionou, quando ainda em seus primeiros anos de existência, "Pé de Pilão", o poema-história que Mario Quintana elaborou para o mundo infantil.

Na longínqua e prazerosa Itaquí - terra que tão bem acolheu a minha família e a mim, eu praticamente em início de carreira -, muitas vezes me fez ler o poema, não sem alguma parada para esclarecimento de uma ou outra palavra.

Mas o que merecia explicação, e eu não tinha como fazê-lo sem a ajuda do Autor, era o próprio título do livro. Por isso, sem certeza do sucesso, porque não o conhecia pessoalmente, dirigi-me a ele, de quem recebi a resposta que hoje retiro do ineditismo, por não merecê-lo, como tudo o que escreveu Mario Quintana.

Respondi, agradecendo, por óbvio, mas agora pareceu-me que de algum modo contribuiria trazendo a lume a carta, convicto de que não estou a desdenhar os versos finais do primeiro poema que aqui mencionei - "Geralmente a prosa entra por um ouvido e sai pelo outro/

Antonio Dall'Agnol

Também começo acuriosamente  
seus versos ou outros. Eu sempre achei  
que há mais história neste  
mundo do que nos outros. Uma poeta  
disse e' que a sua carta datada de  
4 de abril si me chegou às mãos  
em 6 de maio. Não pôde fazer  
reclamação nenhuma porque tu  
trazia o carimbo de Itaquí. O  
mistério maior no entanto é o de  
prosa. O ritmo deve ter um  
valor encantatório, por isto impres-  
siona as crianças. Não foi com  
esta intenção que escrevi a minha

história em versos setecentos, que é,  
em outra língua, o ritmo acessível ao  
prova e, com muito mais razão,  
às crianças. Dê um beijo, que se  
quando, à minha filha Clarice.  
Vou mandar a ela a terceira edição  
(a segunda está esgotada) que deve  
sair pelo Natal.

Quanto ao título "Pé de Pilão",  
vem de uma letra de marcha infan-  
til, que aprendi na minha terra,  
em tempos que já lá vão, como dizem  
os meus irmãos lusitãos. A  
marcinha, que também já se foi,  
as que parece, diz, eu diria assim:

A poesia não: entra pelo ouvido e fica no coração" - , porque em Quintana a prosa se faz poesia.

É este o teor da carta, de junho de 1976, escrita com tinta preta, em duas folhas, a que se seguiu um P.S. com letras azuis, em uma folha:

"Antonio Dall'Agnol

Também começo amistosamente sem senhor ou doutor. Eu sempre achei que há mais mistérios neste mundo do que no outro. Uma prova disso é que a sua carta datada de 4 de abril só me chegou às mãos em 6 de maio. Não pude fazer reclamação nenhuma porque só trazia o carimbo de Itaqui. O mistério maior no entanto é o da poesia. O ritmo deve ter um valor encantatório, por isso impressiona as crianças. Não foi com outra intenção que escrevi a minha história em versos setissílabos, que é, em nossa língua, o ritmo acessível ao povo e, com muito mais razão, às crianças. Dê um beijo, que eu mando, à minha fãzinha Clarice. Vou mandar a ela a terceira edição (a segunda está esgotada) que deve sair pelo Natal.

Quanto ao título 'Pé de Pilão', vem de uma letra de marcha infantil, que aprendi na minha terra, em tempos que já lá vão, como dizem os nossos irmãos lusitanos. A marchinha, que também já se foi, ao que parece, diz, ou dizia assim:

'Pé de Pilão

Carne seca com feijão  
Arreda camundongo  
Pra passá o batalhão!

Ora, lá pelas tantas, vão todos os personagens presos em marcha

batida... Daí, o título.

Queira aceitar o agradecimento e o abraço amigo

do

Mario Quintana"

O post scriptum, que se explica por si só, consigna:

"E eu a falar dos Correios!

Desconfio muito que a idade deve estar chegando, pois nasci em 1906. Escrevi-lhe a carta inclusa, guardei-a bem guardada numa das minhas gavetas, para a remeter na manhã seguinte, e eis que hoje, dia 17 de junho, a descobro pacientemente à minha espera, lá onde a tinha posto! Desculpe. Mas, apesar de tudo, eu estimaria muito receber a acusação do recebimento desta.

M. Q."

\* Desembargador - RS

"Pé de Pilão  
Carne seca com feijão  
Arreda camundongo  
Pra passá o batalhão!"  
Ora, lá pelas tantas, vão todos os  
personagens presos em marcha  
batida... Daí, o título.  
Queira aceitar o agradecimento  
e o abraço amigo  
do  
Mario Quintana

P.S. - E eu a falar dos Correios!  
Desconfio muito que a idade  
deve estar chegando, pois nasci  
em 1906. Escrevi-lhe a carta  
inclusa, guardei-a bem guardada  
numa das minhas gavetas, para  
a remeter na manhã seguinte,  
e eis que hoje, dia 17 de junho,  
a descobro pacientemente à  
minha espera, lá onde a tinha  
posto! Desculpe. Mas, apesar  
de tudo, eu estimaria muito  
receber a acusação do rece-  
bimento desta.  
M. Q.

# Carlos Alberto Petrucci

**Carlos Alberto Petrucci**  
Pelotas, RS, 1919

Autodidata, foi influenciado por Vasco Prado e, particularmente, João Fahrion. Participou do Clube de Gravura de Porto Alegre na década de 50. Presidiu a Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa.

*Cadeira com frutas, 1987*  
Técnica: óleo sobre tela  
27 x 19 cm  
Coleção Ellis D'Arrigo Busnello  
Porto Alegre - RS

*Torres, 1979*  
Técnica: têmpera encerada sobre eucatex  
62 x 81 cm  
Coleção do artista  
Porto Alegre - RS

Fotos: F. Zago - Studio Z



narrativa

# Travessia

Patricia Bins\*



Travessia  
aquarela de Paulo Porcella - 2001

Paulo Porcella  
1991

**RESOLVE** romper a barreira. Vai começar por um sonho, aliás o que lembra dele. É recorrente, mas os locais variam, bem como as personagens. Está numa casa imensa cheia de corredores e portas que abrem para o escuro porque as janelas ficam fechadas. A luz vem de clarabóias e nunca é dia; pode, às vezes, sentir o luar banhando-a, vê poucas estrelas que a olham surpresas de existir. Há, no entanto, um sentimento comum que as une como se fossem feitas da mesma matéria infinitamente misteriosa e cósmica.

A casa é de uma solidão que faz chorar; ela sai em busca de alguém e seus gritos ecoam vazios pela escadaria tosca, muito antiga, que range a cada passo. Percorre-a de cima abaixo inúmeras vezes e parece sólida, mas não, flui feito a água do rio verdadeiro em frente à sua casa verdadeira, então mergulha naquelas águas de onde sai úmida e, de súbito, encontra pessoas. Ao se aproximar delas quer falar-lhes, perguntar onde estão, algo assim, porém, embora se movimentassem, são duras e silenciosas e, estendendo as mãos para tocá-las, sente armações de arame, levemente cobertas por gesso pintado cor-de-pele, e, sobre esses corpos, roupagens de vários períodos históricos, uma, por exemplo, usa traje elisabetano bastante elaborado, cheilo de pedrarias as quais emitem sons gélidos, ou seriam grunhidos? Ela não tinha idéia de que as pedras podem ser sonoras, mas nos sonhos acontecem coisas imprevisíveis. Cada pessoa parece surgir de um tempo diverso e o interessante é que todas possuem o mesmo rosto, os olhos claros de vidro verde fixam-se sobre os meus, também a interrogar-me. Por não falarem, deve entrar em contato telepático, uma de suas faculdades que, quando em estado natural, procura desenvolver.

Lady Guinevere é outra personagem que intriga com seus cabelos encaracolados, seu ar-de espanto por estar inserida no sonho ou pesadelo, não sabe bem o classificar, mas ela sussurra sem palavras que é muito incômodo ter perdido o caminho. Respondo-lhe que sim, é muito incômodo; encontram-se ambas na mesma situação. A essa altura apalpa-se, também seu corpo, antes de carne o osso, dissolveu-se, restando somente a armação de arame, o gesso recobrimdo-o delicadamente. Agora teme que, ao menor gesto, se fragmentará, virando um punhado de pó. Ah, por isso todos se mexem devagar, deve ocorrer-lhes medo igual. Será que todos já morremos e isto é a morte? Indaga à Maria, Rainha da Escócia. Ela fala na torre em que viveu, não era de marfim, quer dizer, não pelo seu valor intrínseco, mas por não haver outra alternativa. Mas você parece livre – ela retruca, enquanto meneia a cabeça em desespero. Sartre dizia que o homem está condenado a sua liberdade, mas, se está aqui, presa neste sonho e se lá, do outro lado do sonho, fica inventando torres de marfim, que liberdade é essa? Depois pensa: - Opção minha...

A cabeça de Mary ou Maria rola escada abaixo e seu corpo desce dignamente; ela apanha a cabeça com suas mão frágeis, quase transparentes, tenta juntar os cacos que se desfazem e se lembra de ter recitado um

versinho da infância: "Humpty Dumpty sat on a wall. Humpty Dumpty had a great fall. All the king's horses and all the king's men couldn't put Humpty Dumpty together again". (H.D. era um ovo que estava sobre um muro. O ovo caiu, rompeu-se e todos os cavaleiros do rei não puderam mais reunir seus pedaços). Se assusta porque a cabeça de Mary, Queen of Scots, de repente é um ovo quebrado, gema e clara formando uma enorme mancha amarela no primeiro degrau da escadaria. Precisa subir de novo, murmura, despedindo-se daquele corpo acéfalo e das pessoas com quem, por momentos, privou.

Seus pés procuram evitar a massa gelatinosa, mas contra a força do destino quem é que pode? Escorrega, sua camada de gesso faz craque-craque e aqui está, transformada em boneca de arame que ostenta exóticas roupagens medievais. A sorte é o tecido ser no mesmo tom da gema, pensa, histérica. Assim, ninguém vai notar, se consola bobamente, não se conta que estão no mesmo barco. Pelo menos sente maior leveza, diz ainda, ao entender que se livrou do gesso para sempre. Escala, a passos curtos, porém certos, o lance próximo sem encontrar viva alma. Prossegue, atemorizada, enquanto ouve ruídos de coisas desmoronando, rolando pelos degraus: mesas, cadeiras e outros móveis que desconhece embora pareçam de *papier-mâché*.

*Trespasa-lhe uma chuva de imagens brilhantes, borboletas roxas, olhos verdes, flores azuladas, pequenas pandorgas chinesas, porém nada é verdadeiro, até as flores são de papel celofane e os olhos, sim, de vidro, como os seus que recupera nesse instante.*

Num ziguezague absurdo, sobe, sobe até o sótão onde vislumbra uma das clarabóias. Do alto, o luar e poucas estrelas tremeluzem, surpresas de existir. E eu, existo?, indaga, novamente sentindo a fragilidade de sua leveza, a armação de arame carregando as vestes de seda e renda flutuantes. Voa em direção à luz: - Tenho que alcançá-la, diz enquanto busca algum suporte para chegar mais acima porque o vôo é doido, como o das bruxas ao redor de uma chama de vela, ou aquele dos pássaros encerrados dentro de grandes gaiolas nos zoológicos. Seus dedos metálicos engancham-se fortemente no canto da esquadria e empurra o vidro para fora, equilibrando-se em pleno ar. O vidro se estilhaça e de súbito se ouve sua voz gritando: - Venham, estamos salvos mais uma vez.

...

A luz da manhã devolve-lhe a identidade perdida, mas, estranho: ao erguer-se aliviada pisa sobre minúsculos pedaços de gesso.

\* Escritora, autora do livro *Instantes do Mundo*, Editora Bertrand Brasil, RJ, 1999, entre outros.

# Cantiga D'El Rei

Alberto Crusius\*

**PORQUE** o vento cantava, como cantam dedos tangendo as leves cordas dos alaúdes de douradas madeiras.

Porque por pouco não levava o vento a alva roupa lavada.

Porque o vento tentava para o alto levar a roupa já lavada.

Porque ela recolhia com braços alvos a roupa que da ribeira o vento levava.

Porque água lavava as alvas formas que ela levava.

Porque era ela ou não donzela e ele era El Rei.

Porque era El Rei poeta, e porque era El Rei D. Diniz.

Porque El Rei apenas para o palafreireiro acenou e, sem apear, se afastaram.

Por tudo que se referiu, naquela noite entoou El Rei a mais bela de todas as canções que até então entoara, levando ao silêncio tudo o que ela não fosse, de modo que só alaúde e voz viril e maviosa pelos amplos salões flutuavam. Não há mais a música, só as palavras restaram, mas é nelas que existe a música melhor:

“Levantou s´a velida  
Levantou s´alva  
e vai lavar camysas;  
en o alto;  
vai las lavar, alva.  
Levantou s´a louçana  
levantou s´alva  
e vai lavar delgadas  
en o alto;  
vai las lavar, alva.  
Vay lavar camysas,  
levantou s´alva  
o vento lh´as desvya  
en o alto;  
vai las lavar, alva.  
E vay lavar delgadas,  
levantou s´alva  
e o vento lh´as levava  
en o alto;  
vai las lavar, alva.  
O vento lh´as desvya  
levantou s´alva  
meteu s´alva em hira  
en o alto;  
vai las lavar, alva.  
O vento lh´as levava,  
levantou s´alva  
meteu s´alva em sanha  
en o alto;  
vai las lavar, alva.” \*\*

E porque concluiu El Rei a canção, só o crepitar dos archotes consome por instantes o silêncio dos salões, como consumia sempre a sombra dos corredores e dos mesmos salões.

Posso ver por instantes seu rosto, e ele também parece me ver. Seu sorriso se desmancha lenta mas não demoradamente: é uma breve lentidão, é a surpresa de ver um tempo futuro, e seu rosto adquire por um momento os traços toscos das histórias em quadrinhos que à minha infância narravam epopéias em preto e branco.

É a surpresa de ver que tudo a seu redor, corte, pedrarias, jóias, e até rochas e ameias, nada, nada sobrar, nem o próprio conhecimento daquilo, tal como as datas e tal como o episódio, ou o céu de provençal azul e nuvem de infinita brancura da manhã medieval de sol e sorriso da natureza - de nada, nada sobrar memória, nem das notas da canção, que viverá apenas nas palavras.

Seu rosto perde definição, torna-se impreciso, cai, desaparece para todo o sempre.

A canção, não, a canção ficou. Só a canção guardou aquele momento: para sempre as palavras, para fora de sua era e de sua história, que ocorreu depois de barbárie e antes de tecnologia. E, para nunca, o que as palavras não fosse.

Guardar numa canção um momento, perdendo dela as doces notas do alaúde, e ainda assim Ter sido Rei, tal foi a tarefa de D. Diniz.

El Rei D. Diniz só não fez o que não quis.

Muitos séculos mais aqui, é tal o que se diz.

\* Escritor e auditor independente. Livros publicados: *O boxeador vai à Iona*, POA, RS, UFRGS, 1986. *Piazito e as estrelas*, infantil, POA, RS, Tchê, 1987. *Direitos de acionistas segundo seu capital*, POA, RS, Ortiz, 1988.

\*\* Versos de D. Diniz: *Pequeno guia da poesia portuguesa*, de Theodemiros Tostes, Porto Alegre, 1967.

“El Rei D. Diniz só não fez o que não quis”: Augusto Meyer, em conversação, freqüentemente.

# Eduardo Guimarães

**Eduardo Guimarães**

Porto Alegre, RS, 1967

Aquarelista, advogado e escritor. Iniciou sua formação artística em 1978. Fez estudos de aquarela na Austrália e na Inglaterra. Realizou várias exposições individuais e coletivas e figura com destaque entre os artistas de sua geração.



*Rio, 1998*

Técnica: aquarela sobre papel

22 x 15 cm

Coleção do artista

Porto Alegre - RS

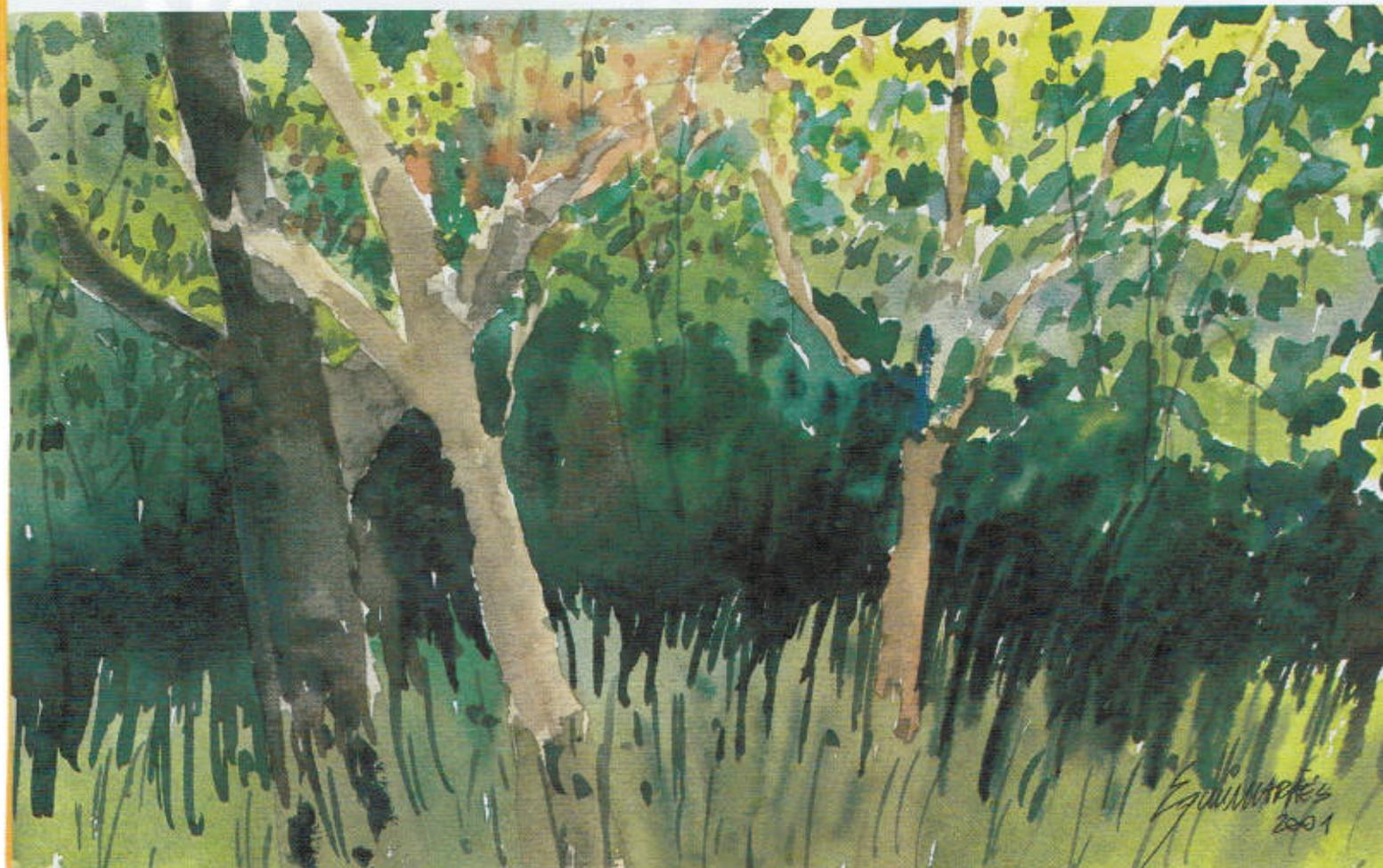
*Mata Atlântica, 2001*

Técnica: aquarela sobre papel

27 x 16 cm

Coleção do artista

Porto Alegre - RS



Andamos pela vida como seres de pedra  
Habitamos as noites de vento  
As manhãs de bruma nos acolhem  
no manto líquido  
O olhar parado em algum lugar vago  
um rosto que passou  
Trazemos o braço amputado  
o semblante malferido  
Algo se perdeu  
algo desmoronou  
O corpo abandonado ficou álgido  
Nas praças de Porto Alegre  
a saudade dos encontros  
O rosto pintado é um jeito de sobreviver  
Fazem-nos de palhaços  
Sofremos como qualquer animal e mais  
Eis que do fundo turvo surgem os traços do sol  
Renascemos da treva  
ressurgimos do pó  
O corpo leve agora dança em busca do infinito  
Por um momento a beleza  
a vida  
a harmonia perdida

*Jorge Adelar Finatto*

# Seres de pedra

As belas fotografias, que inspiraram o texto, são de autoria do artista Fernando Zago, natural de Santana do Livramento (RS). Zago expôs em diversas mostras coletivas e individuais, entre elas *As Estátuas de Porto Alegre*, na Cia. de Artes. Assina a fotografia dos livros *Danúbio Gonçalves – Caminhos e Vivências* e *Aldo Locatelli – O Mago das cores*. Possui o Studio Z – Produções Fotográficas, em Porto Alegre (Fone/Fax: 3226.4940).

## Índia Obirici

Autores: Mário Arjonas e Nelson B. Faederich

Ano: 1975

Localização: Viaduto Obirici, bairro Passo D'Areia

Descrição: Estátua em bronze.



#### Afluentes do Guaíba

Autor: desconhecido (Carrara/Itália); projeto e montagem: José Obino.

Ano: 1866

Localização: desde 1936, essas esculturas, remanescentes de um antigo chafariz, encontram-se na praça Dom Sebastião (em frente ao Colégio Rosário).

Descrição: o que restou do monumento original é um conjunto estatutário, executado em mármore, em Carrara, Itália. São dois modelos iguais masculinos e dois femininos. Os dois homens (netunos) representam os rios Jacuí e Gravataí (sem a mão direita). As figuras femininas (nereidas) representam o rio dos Sinos (sem os braços) e Cai (sem a mão esquerda). A outra estátua, intitulada *Liberdade* ou *Guaíba*, encontra-se em local incerto (coleção particular).



#### Ninfa do Cais

Autor: Alfred Adloff

Ano: 1890

Localização: Praça Edgar Schneider, cais do porto.

Descrição: Estátua em argamassa de cimento. Possivelmente, antes de 1940, ornamentava outro local da cidade.

#### Atlante

Autor: Giuseppe Gaudenzi

Prédio: Confeitaria Rocco

Ano: 1812

Localização: Rua Riachuelo, esquina Rua Dr. Flores.



# Nathaniel Guimarães

**Nathaniel Guimarães**

Rosário do Sul, RS, 1925

Um dos principais aquarelistas brasileiros, também se dedica ao ensino da pintura, tendo colaborado para a formação de muitos artistas em Porto Alegre. Cultiva igualmente a literatura, a exemplo do irmão, o grande escritor Josué Guimarães, já falecido. Desembargador aposentado – RS.

Fotos: F. Zago - Studio Z



*Solar dos Câmara, 2000*

Técnica: aquarela sobre papel Arches

30 x 44 cm

Coleção do artista

*Beira-Rio, 2000*

Técnica: aquarela sobre papel Fabriano

25 x 34 cm

Coleção do artista



# Velhos Sapatos

*Italico Marcon\**

Esquecidos num canto  
dormem os velhos sapatos,  
gastos de uso  
e tanta esquivança.

Ali estão todos eles,  
os meus sapatos  
que já não deixam rastos,  
ali estão abandonados  
com o seu sorriso amargo,  
e neles existo.

---

\* Poeta, autor, entre outros, de *Tempo de exílio*  
(Editora Sulina, 1969), do qual foi extraído este  
poema. Procurador de Justiça aposentado – RS.

# Sombra

Eu era menos que uma sombra,  
eu era menos que um gemido.  
E tu com o teu amor dentro de mim  
puseste tanta luz, tanta piedade,  
que ando clareando as outras sombras,  
que ando aliviando outros gemidos!

Paulo Corrêa Lopes\*

# Conselho

Quando fores pela estrada  
anda com cuidado  
para não matares as formigas.

A vida é tão bonita!

# A noite cairá depois

A noite cairá depois mais lenta  
sobre as cousas.  
O sol não mais brilhará sobre as cousas.  
E então sobre o teu corpo  
nascerão rosas.

# Era a morte que vinha

Era a morte que vinha na noite calada  
mais leve que a bruma, mais leve  
que um raio de luar.  
Cavaleiros corriam na noite calada  
e não viam a morte que vinha mais leve  
que um raio de luar.

# Vieram da noite

Vieram da noite, cheios de sono,  
e adormeceram sobre o banco do jardim.  
Ele tinha um cigarro apagado nos lábios  
e ela um cravo murcho no cabelo ...

\* Poeta de importância fundamental na poesia do Rio Grande do Sul. Nasceu em Itaqui (RS) em 19 de julho de 1898 e morreu em 9 de setembro de 1957 em Porto Alegre. Poemas extraídos de sua *Obra Poética*, Instituto Estadual do Livro (RS), 1958.

# Tempo – ira – tura

reler os meus poemas  
me angustia  
e no entanto insisto  
no dilaceramento da matéria  
arado  
irado  
contra o vento  
apertarei o silêncio  
as letras  
as melodias  
até que chegue a expressão  
do verso que necessito  
ou mesmo não necessito  
exploro o pulso da forma  
para poder deformá-la  
e passo  
sou minha ultrapassagem

Heitor Saldanha\*

(in *A Hora Evarista*)



Obra de Waldeni Elias,  
do livro *A Hora Evarista*.

## Versomenagem<sup>a</sup> Carlos Legendre

o osso do canto  
o cálcio do osso  
saúdo  
levanto  
um brinde  
a esse moço  
o ritmo  
som  
o justo contato  
o limpo  
no trato  
exato  
no ato  
exímio  
no traço  
apenas o brilho  
concentre  
do aço  
o osso do canto  
o cálcio do osso  
saúdo  
levanto  
um brinde  
a esse moço

\* Poeta dos mais destacados do Rio Grande do Sul e do Brasil. Publicou *A outra viagem* (Editora Arte no Rio Grande, 1951); *Nuvem e subsolo* (Editora Leitura, 1969) e *A Hora Evarista* (Editora Movimento, 1974), entre outros. O poema para Carlos Saldanha Legendre é inédito.

# Sonetos Portugueses

Carlos Saldanha Legendre\*

## 1. Fernando Pessoa

- Uvas? Eu as comia, quando menino.  
Depois cresci, botei-me luvas às  
Mãos, luvas de homem, álgidas e más.  
Botei-as até o punho, até que o tino

Do que eram despertares, vozes, sinos  
De Portugal cristão, perdi-o. - Quem há  
Que as uvas, em chover alegre, m'as  
Derrame às pencas, n'alma de menino?

- Uvas do Tejo, que não vejo mais  
Nesta orla onde este mar me adoça em sais.  
- Uvas de Ti, das chagas Tuas, abertas

Ao presto cair da noite, vãs de grito...  
Eu as tomo prostrado, só, contrito,  
Mas rolam-me das mãos, de tato incertas.

## 2. Mário de Sá-Carneiro

Modelei-me em afagos de sol posto  
E tudo em mim é sombra das ameias...  
Teci, paciente, a minha própria teia  
Co'as rosas que esqueceste em céu de agosto.

Dei-me a brumas: nos ermos tive encosto!  
Tomaram-me por Lord em praça alheia,  
Talvez Escócia lindamente feia  
Com sua hulha a maquiar-me o rosto...

- Que fugazes estrelas fui Além!  
Se sonhei enleios d'oiro, já ninguém  
M'os recorda em crepúsculos de lis...

Deixei de ser-me, para ser o Mito...  
A ver se encontro a mim, eu me repito  
Naquilo que farei, não no que fiz.

\* Desembargador – RS. Livros publicados: *Canto ao mar de Piriápolis* (Ed. Rogilma, 1962 - 1ª ed.; Editora Cultura Contemporânea, 1998 - 2ª ed.); *Antologia da poesia brasileira contemporânea* (Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1986); *Elegia à lesma* (em preparo); *Inventário do canto* (Editora Cultura Contemporânea, 1971 – 1ª ed. e 2000, 2ª ed.).

# Musa Consolatrix\*

Dilan Camargo\*\*

Musa consoladora  
"a alma triste do poeta sobrenada"  
"murcha a flor das ilusões da vida"  
respira-me consoladora  
respira-me consolatrix  
o verso mais resiste  
ao quanto insisto  
a folha se amarela, seca  
pressinto as virações do outono  
respira-me consolatrix  
respira-me consoladora  
que só no teu seio  
amiga musa  
minha alma se respira  
e vira  
a página ferida da escrita.  
Lambe-me, lambe-me  
consoladora musa  
tua língua lusa.

*Híbridas e Mutantes*  
Acrílico sobre eucatex  
de Nelson Jungbluth



\* Poema homônimo de Machado de Assis.

\*\* Poeta. Autor, entre outros, dos livros *Sopro nas poras* e *A fala de Adão*, do qual faz parte este poema, Editora Mercado Aberto, 2000. Assessor na Assembléia Legislativa do RS.

# Quando minha mãe se foi embora

*Maria Cecília Fernandes Álvares Leite\**

Minha mãe, quando se foi embora  
as mãos de minhas irmãs lhe refizeram o rosto  
tinha um pouco de rosa nos lábios, e de novo  
não lhe afloravam rugas, nem desgosto.

Sol forte de janeiro lhe ampliava o quarto  
do hospital. E as mãos rezantes minha mãe as tinha  
contra o peito. E assim magra, suave, pequenina,  
não revelava. Nem agonia. Nem sete partos.

Com ela se foi, acredito, a compassiva pena  
do ser no mundo. A crença humilde e plena  
do eu entre tantos ser tão pouco. E o que cresce  
é manso viver. O distribuído afeto.

Quando minha mãe se foi embora  
tão suave, tão magra, pequenina, pelos dedos  
de minhas irmãs se foi menina.  
Pelo vazio em torno foi senhora.

---

\* Juíza do Trabalho – Campinas - SP

## Viagem

*Tupinambá Miguel Castro do Nascimento\**

Quero deixar esta visão terrena  
Andando calmo por todos espaços  
No transitar ouvindo os próprios passos  
E enfrentando uma nova cena.

Quero ser eu correndo sem cansaços  
E entre nuvens levando minhas penas  
Somente eu e a trajetória amena  
E enquanto isto, isento de abraços.

Quero ser só na imensidão do nada  
Sem conhecer a dor e a agonia  
Só andarilho pela infinda estrada.

Galope firme cheio de ansiedade  
Vendo passar, no céu, noites e dias  
E eu em busca da eternidade.

---

\* Desembargador aposentado - RS

# Te ensinando a amar **Porto Alegre**

Jane Fischmann\*

*Quisera eu ter demonstrado toda a minha euforia  
Naqueles preciosos momentos que observamos gente...  
Parece que ao tentar, mais e mais algo impedia e me  
Sussurrava desnecessário ...  
- Olha o avião rasgando o rio ...*

*Quisera eu ter apontado a você a delicadeza do gesto  
A tua vinda alada por tortuosos caminhos terrestres ...  
Iniciava este esforço e baixava os olhos,  
Pedindo desculpas por esta timidez inoportuna ...  
- Olha o flautista solitário parecendo ouvir apenas sua música*

*Quisera eu ter transformado em palavras a magia do momento  
As lembranças compartilhadas, o cuspir da usina,  
As vivências infantis do namoro do bonde ...  
O calor dos corpos colados a trapacear o vento gelado de junho  
- Olha o pôr-do-sol cobrindo o rio de sangue!*

*Quisera eu ter compreendido o que me retirara o som  
E no esforço de tentar deixei de perceber que não carecia,  
Pois ao fazer registros de cenas cruzando para sempre a nossa história  
Estávamos os dois fazendo o exercício de *olhar* na mesma direção!*

---

\* Juíza-Pretora e Psicóloga. Cachoeirinha - RS

# Piaco

Ilton Carlos Dellandréa\*

A derradeira passagem do  
Bandido Piaco no baile de pixurum  
de Amândio Alves de Jesus,  
apóstolo santo.

Com o perdão dos nordestinos,  
um sulino pede permissão para,  
no estilo da literatura de cordel,  
contar a história.

Ou como uma bala de revólver  
saiu e entrou pelo cano.

E o metido a poeta mata a cobra e  
mostra o pau, ainda que meio  
desconfiado.

Este caso aconteceu  
há muitos anos atrás  
numa cidade pequena  
no interior de Goiás.  
Vou contar o que vi,  
nem de menos nem de mais:  
um bandido arrebatado  
por homem de boa paz.

Disse que foi em Goiás  
por uma questão de rima.  
O Estado em que sucedeu  
não foi no mapa lá em cima,  
foi mais para baixo, aqui,  
perto, em Santa Catarina.  
(O nome é grande demais,  
melhor que fora em Goiás).

Num baile de pixurum  
- chamam também de arrelia -  
na casa do Amândio Alves,  
de Jesus, José e Maria,  
surgiu Piaco bandido  
- té a alma me arrepiá.  
O baile quase acabou,  
tanto o gaitreiro tremia.

Daí por diante as mocinhas  
só dançavam meio tortas  
evitando olhar Piaco  
- olhar de bandido corta -  
e o povo todo queria  
dançar mais perto da porta.  
Até dona Joana Papuda  
se aquietou surda-muda.

Piaco era valentão  
perigoso e destemido,  
dormia longe do povo  
pelos capões escondido;  
nem muriçoca o picava  
- sangue azedo de bandido.  
Não tinha medo de nada  
nem vivia arrependido.

Matara quarenta e quatro  
até uma semana antes  
depois é difícil dizer,  
não fiz as contas bastante,  
muita água em sete dias  
rola debaixo da ponte.  
Até delegado matou,  
depois despiu e capou.

Amândio, coitado, esse um,  
quase sem nenhuma tença,  
tinha um canivete na mão  
e uma marca de nascença  
e um trinta-e-doizinho de bosta  
sem a mínima presença  
só servia, sujo e gasto,  
pra matar grilo no pasto.

Era metido a valente  
mas também era covarde  
porque em Pouso Redondo  
num Domingo, pela tarde,  
acabou com uma missa  
aos tiros, fazendo alarde:  
tirou as roupas das freiras  
e a batina do padre.

Pai João Maria dissera  
que no baile ia dar morte,  
por isso a Velha-da-Foice  
foi afiando seu corte:  
ia morrer o mais fraco,  
porém morreu o mais forte.  
Nunca se viu na colheita  
uma coisa mais bem feita.

Também disseram que a morte  
fora bem encomendada  
por uma questão de terra  
não muito bem explicada:  
o João Safado queria  
do Amândio uma invernada,  
uma légua de sesmaria  
lá perto do fim da estrada.

E nestas coisas de posses  
quem muito tem mais petisca  
e João Safado, esse um,  
tinha a se perder de vista,  
mas queria mais um naco  
para aumentar sua crista:  
pra quem é dono de tudo  
não custa embolsar o mundo.

Piaco trazia na cinta  
um canhão de cano grosso,  
um trinta-e-oito medonho  
limpinho que era um colosso;  
também tinha a Santa Cruz  
pendurada no pescoço.  
Vinha bem apetrechado  
pra fazer nó em caroço.

Se encostou pela porta  
trabalhando um empalhado,  
o trinta-e-dois num dos bolsos  
do paletó ensebado  
cuidando do movimento,  
muito desassossegado.  
Mais sério e desconfiado  
do que cabrito embarcado.

Lá pelo meio do baile  
Piaco veio gritando:  
“É hoje! É hoje! É hoje!”  
e do canhão foi puxando.  
O povo saiu num raio,  
a mulherada berrando.  
Só João Mudo não gritava  
porque não dava, não dava!

Amândio deu só dois tiros  
com o trinta-e-doizinho de bosta:  
o segundo pegou na veia  
Piaco tombou de costa,  
nunca mais se levantou,  
nunca mais fez uma aposta,  
nunca mais fez mira fina,  
nunca mais fez mira grossa.

É meio difícil de explicar  
o rumo do tiro primeiro.  
Já passei por mentiroso,  
afetado e balaqueiro,  
mas juro que vou contar  
aquilo que é verdadeiro.  
Quem não credita em visão  
que busque outra conclusão.

A bala trinta-e-dois,  
pequena mas de tutano,  
zumbiu abelhuda e feia  
um corisco de bom plano,  
e foi se ajeitar no revólver  
do Piaco, bem no cano.  
O trinta-e-oito medonho,  
morreu ele e mais o dono.

Eu sei que é muito difícil  
de cristão acreditar  
nesta história que contei  
sem receio de enganar.  
Mas pode crer, é verdade,  
e se não se conformar,  
vá no Fórum de Taió  
que a bala deve estar lá.

A bala do trinta-e-dois  
está bem encavalada  
naquela que ia ser  
a solução da enrolada,  
por causa daquela terra  
lá perto do fim da estrada.  
Dizem que o João Safado  
pagou o caixão do finado.

O Amândio enfrentou júri:  
sete a zero, absolvido,  
com baita elogio do Juiz,  
um exemplo a ser seguido.  
Era tempo de eleição  
no meu Estado querido:  
permitam que eu quebre o verso  
e o escreva mais comprido,  
para caber o final  
deste caso desconfiado:  
num jeito muito sabido  
o governador do Estado  
nomeou o Amândio Alves  
como nosso Delegado.

---

\* Desembargador – RS  
dellan@terra.com.br

# Pinheiro Quatricentenário\*

Celeste Vicente Rovani\*\*

Vetusta e audaz araucária de minha terra,  
erguida no seio da mata pela mão bendita da Natureza,  
lembras, porque inclinada pelo fardo de tantos anos,  
a secular e veneranda Torre de Pisa.

És a testemunha viva dos arcanos do solo,  
cujo seio carinhoso te aninha,  
e da saga de um povo sofrido e vencedor.

Primeiro, viste o denso da floresta imensa,  
dominando as quebradas de Cima da Serra,  
e, desde cedo, ouviste os cantos dos pássaros,  
o grito faminto da onça,  
a fala e o riso do homem,  
o grito de guerra  
e o zunido das flechas manipuladas  
pelas mãos hábeis dos caingangues,  
habitantes e senhores soberanos da Região.

Depois, viste a chegada paulatina da civilização  
e, com ela ( – brutal ironia! – ),  
o desaparecimento de teu tapete  
– a imensa floresta primitiva –.  
Ouviste, então, o cantar do machado,  
a rasgar clareiras na mata,  
o gemido do arado, arrastado por muares,  
e o timbre da enxada violando o solo desnudo,  
engravidando-o com o sêmen do milho e do trigo...

Muitas e muitas vezes, ao término da jornada,  
ouviste as canções saudosas dos imigrantes,  
cortando as canhadas e as coxilhas....

Viste, mais tarde, com tristeza, na certa,  
a substituição do gorjeio das aves  
pelo ronco voraz das máquinas.  
Viste, com agonia,  
as matas e os soberbos pinheirais,  
um a um, a desaparecer ao teu redor,  
devorados pela ganância do vil lucro...

O solo vestiu-se todo de verde rasteiro.  
Era a época desvairada do ouro da soja...

Contemplaste, aqui e acolá,  
o surgir de modestas moradias,  
de uma vila desprezível,  
que, pouco a pouco,  
se transforma em sorridente e próspera cidade,  
cortada por ruas buliçosas,  
adornada de um templo e praça encantadores,  
e que acolhe, em silêncio, seus maiores  
no campo-santo plantado no alto da colina...

E tu, pinheiro quatrocentão,  
tu ficaste, então, só...  
Mas altivo, soberano, invencível,  
apesar dos dardos violentos dos raios  
e a fúria das rajadas dos ventos...

Venceste o tempo indomável,  
o raio furioso que te feriu,  
e a mão impiedosa do homem.  
E, porque és generoso,  
fazes de tua copada  
o aconchego das aves sem teto...  
E, porque és invicto e fértil,  
continuas perpetuando a espécie,  
através das sementes que produzes,  
e que as galhas vão semeando  
pelo solo dadivoso de Tapejara.

Porto Alegre, 5.11.2000

\* Ao ler o artigo e contemplar a fotografia do *Pinheiro gaúcho com 400 anos*, seção *Almanaque Gaúcho*, coluna de Antonio Goulart, em *Zero Hora*, de 5.11.2000, p. 54.

\*\* Desembargador aposentado - RS.

# OS MEUS FILHOS

Quando estou só neste inferno  
E sorvo, desesperado,  
A minha esponja de fel,  
Meu pesar parece eterno  
E acho horríveis estes trilhos  
Do mundo egoísta e cruel.  
Mas vendo-me entre os meus filhos,  
Com um delles de cada lado,  
— O Antonio Carlos e a Helena—  
Meu espirito serena,  
Da magua esgarça-se o véo,  
Mudam-se em flôres as brazas,  
*duas asas*  
~~Meu~~ ~~nos~~ ~~ombros~~ duas asas  
Que me arrastam para o céu...

*Jorge de Oliveira Jobim*

*Rio, 21-5-53*

Poema de Jorge de Oliveira Jobim (1889-1935)  
poeta gaúcho que aparece na fotografia com o  
filhos Antonio Carlos Jobim e Helena Jobim

